



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOMOTRICIDADE

O DESENVOLVIMENTO INFANTIL X PSICOMOTOR

MARIA SOCORRO DE SOUZA MELO

FORTALEZA – CEARÁ
2006

O DESENVOLVIMENTO INFANTIL X PSICOMOTOR

MARIA SOCORRO DE SOUZA MELO

Monografia submetida à Coordenação do
Curso de Especialização em
Psicomotricidade como requisito parcial
para obtenção do título de Especialista
pela Universidade Federal do Ceará.

Monografia apresentada à Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Especialista em Psicomotricidade e esta encontra-se a disposição dos interessados na Biblioteca Central da referida Universidade.

A citação de qualquer trecho dessa monografia é permitida, desde que seja feita de conformidade com as normas da ética científica.

Maria Socorro de Souza Melo

MONOGRAFIA APROVADA EM: ____/____/____

Gláucia Maria de Menezes Ferreira L. D.
Orientador(a)

HOMENAGEM ESPECIAL

Quero agradecer e homenagear de forma muito especial a Deus Todo Poderoso, por tantas lutas e conquistas alcançadas, através de suas bênçãos infinitas e proteção eterna.

Pelo seu perdão constante e força a mim transmitida durante toda a minha vida. Pois se até aqui cheguei, com certeza, foi somente pelo seu consentimento e amor por mim demonstrado através de seus cuidados.

Meu Deus, seu amparo dia-a-dia em minha vida, é tudo para mim!

Tu és, maravilhoso, Deus misericordioso!

Amastes não somente a mim, mas toda a humanidade.

Fielmente Tu nos ama muito, pois tua palavra Bíblica assim nos diz em **João 3 : 16**.

“Por que Deus amou o mundo de uma maneira, que mandou seu filho único Jesus Cristo, a morrer por nós na cruz, para que todo aquele que nele crer não pereça mas tem a vida eterna”.

Quero assim de todo meu coração agradecer-te oh! Deus, pois sempre estiveste do meu lado nas horas certas e incertas de minha vida. Orientando-me no caminho que devia seguir.

Obrigado Senhor!

Obrigado Senhor!

Por me permitir viver e realizar esse tão sonhado trabalho de monografia.

Obrigado, por mais uma conquista, não sei como expressar minha eterna gratidão.

AGRADECIMENTOS

Diz o poeta, que “sonho sonhado só, é ilusão, sonhado em mutirão é realização”.

A experiência de escrever um trabalho monográfico é demasiado angustiante pelo tempo escasso, e pelo compromisso que o mesmo exige. Para torná-lo possível só mesmo sonhando com muitos ao lado, de forma direta ou indireta.

Quero assim agradecer ... aos meus queridos e já falecidos pais: **Raimundo Marcolino de Souza** e **Joana Maria de Souza**, cuja a ausência neste momento foi marcada com grande afeto, saudade, ternura, investimento, crença, força e alegria por mais uma conquista estimulada desde o início de minha formação e em tantos outros momentos de minha vida, nos quais eles estiveram sempre ao meu lado.

Gostaria também de agradecer...

A toda minha família, em especial ao meu amado esposo: **Antônio Alves de Melo** e aos meus filhos queridos: **Genicley Alves de Souza Melo** e **Eclesyrilânya Alves de Souza Melo**. Pela colaboração e incentivo nesta caminhada. E ainda agradecer de coração pelos anos de dedicação e lutas que enfrentamos juntos, para fornecer-me uma formação e essa tão sonhada especialização.

Aos meus queridos irmãos e irmãs por me proporcionarem experiências constantes que me ajudaram até aqui chegar...

Gostaria ainda de agradecer... de forma carinhosa a professora e orientadora: **Gláucia Maria de Menezes Ferreira**, por nossos encontros, pela transmissão de saber, confiança e estímulo, pelo incentivo e sugestões motivadoras e fundamentais para que esse tema pudesse ser desenvolvido.

Agradeço ainda de forma carinhosa... aos inesquecíveis amigos(as) e professora: Dayse Campos de Sousa. Pela disponibilidade, interesse e questões instigantes que levantaram, me ajudando a aprender e crescer. E ainda pela amizade compartilhada e admiração profissional e pessoal.

E finalmente agradeço... aos demais amigos conquistados, que proporcionaram um importante auxílio. Meu muito obrigado e que Deus abençoe a todos vocês!

EPÍGRAFE

O desenvolvimento da criança é um processo global e interativo que se deve ser promovido também desta forma pela família e por todas as pessoas que a atendem. A respeito disto concordamos com o Dr. Jorge César Martinez, no seu livro O Incrível Mundo do Recém-Nascido: “Sempre me perguntaram a partir de que momento nós, médicos, nos encarregamos de atender de forma integral ao bem estar da criança e de sua família”.

Creio que qualquer momento é bom para começar ... quando estamos realmente convencidos de que o que vamos fazer é importante para eles... porque sentimos bem dentro de nós que assim é.

Porque nos sentimos impulsionados por uma força poderosa que nos leva a desenvolver com nossos pacientes a filosofia de escutar e não só ordenar; de compartilhar e não só dirigir; de aceitar e não sempre impor; de respeitar, sempre respeitar; de chorar quando se tem vontade e sem temor nem vergonha, de AMAR”.

Esta mesma atitude do profissional em relação à família é que sugerimos aqui seja assumida pelo adulto em relação à criança. Embora as crianças e suas famílias apresentem semelhanças sobretudo de acordo com o contexto sócio-cultural em que vivem, cada bebê, cada mãe, cada pai, cada família é diferente das outras. Cada criança é única. Cada adulto é único. Cada família é única. E como estabelecer uma relação profunda tão necessária ao desenvolvimento das crianças e dos adultos?

Amar... mas, amar só não basta. Conhecer sobre o desenvolvimento e aprender a escutar, compartilhar, brincar, dar limites, respeitar, observar atentamente a criança e suas reações.

Observar a nós mesmos como pessoas e nossas reações nas interações com as crianças... nossa capacidade de comunicação nos indicará o caminho.

RESUMO

Esta monografia teve como um dos objetivos transmitir de forma simples e compreensiva a importância do desenvolvimento da criança, como também incentivar a participação constante e atuante da família e de todas as pessoas envolvidas no processo de crescimento global e interativo desta criança. Procura-se conceituar o que é antigo e o que é moderno, dentro da perspectiva das várias tendências estéticas, verificando como os autores dos pensamentos e afirmações citadas desenvolvem suas teorias a esse respeito. Para tanto, são citados de autores e teóricos como: Jean Piaget, Vygotsky, Freud, Wallon, Allport, Rappoport, Ferreira, Rosa Merval, Sousa Dayse dentre outros, para assim subsidiar teoricamente esse trabalho. A conclusão a que se chega é que: o desenvolvimento psicomotor da criança é um processo global e interativo e a família é o primeiro universo ensinante da criança, sendo este um ambiente normal e natural para o seu crescimento físico, mental e social e principalmente interativo. E que esse processo é dinâmico e global acontecendo com o ser humano desde sua concepção e continuando por toda sua vida, pois essas mudanças são bem evidentes na criança. Desenvolve-se, crescem ou se modificam, seu corpo, sua inteligência, seus sentimentos, de forma geral pela integração e interação de aspectos físicos e psíquicos. Para uma melhor compreensão o trabalho foi dividido da seguinte forma: o I capítulo relata o desenvolvimento da criança na visão de Piaget; o II capítulo explica como se processa o desenvolvimento psicomotor da criança; o III capítulo mostra de forma simplificada, como se processa a intervenção da família no desenvolvimento psicomotor da criança.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I – O DESENVOLVIMENTO INFANTIL	11
1.1 O Desenvolvimento Infantil na Visão de Alguns Estudiosos	11
1.2 O desenvolvimento da Criança Segundo Piaget	25
CAPÍTULO II – BASE DO DESENVOLVIMENTO PSICOMOTOR	38
2.1 Base Histórica da Psicomotricidade	38
2.2 Processo Saudável do Desenvolvimento Psicomotor Infantil	49
2.3 Distúrbios do Desenvolvimento Psicomotor Infantil	66
CAPÍTULO III – INTERVENÇÃO DA FAMÍLIA NO DESENVOLVIMENTO PSICOMOTOR DA CRIANÇA.....	73
3.1 Interação Família x Criança: O que podem fazer juntas	73
3.2 Experiência vivenciada no NUTEP (Núcleo de Tratamento e Estimulação Precoce) – assistência as crianças com dificuldades neuropsicomotoras	82
CONCLUSÃO	86
BIBLIOGRAFIA	89
ANEXOS	93

INTRODUÇÃO

Esse trabalho se fundamenta na concepção de que o desenvolvimento psicomotor da criança é um processo global e interativo, que deve ser promovido desta forma pela família, escola e por todas as pessoas que a atendem, sendo a família o primeiro universo ensinante da criança e ainda de grande importância ao longo do seu processo de desenvolvimento.

Em linhas gerais, pode-se dizer que a minha preocupação central constituiu na análise do processo de desenvolvimento psicomotor da criança.

Assim, o objetivo deste trabalho será transmitir de forma clara e compreensiva o desenvolvimento desse contexto social de grande importância para evolução humana, pois tanto a criança como a família são vistas juntamente unidas, expressando assim a interação família x criança, no processo dinâmico de seu desenvolvimento e aprendizagem constante.

Tomaremos por base o pensamento e as afirmações de alguns teóricos e autores, detendo-nos especialmente em Piaget, Vygotsky e Wallon apud Ferreira e Mamede (2000), cujo, os inúmeros trabalhos publicados nessa área possibilitaram-nos a um melhor esclarecimento desse tema, pois através de afirmações de grandes estudiosos da Psicologia Evolutiva Humana, como Freud apud Beauport (1998), Rosa (1988), Ferreira (2000), Rappaport (1981), Campos (1997), e outros, sabemos que durante séculos, as crianças eram consideradas como adultos menores, mais frágeis e menos inteligentes, e que na Idade Média, a partir dos 07 anos, eram consideradas aprendizes e, sob a tutela de um adulto, as crianças assumiam responsabilidades que se tornavam progressivamente próxima as do adulto.

Nos séculos XVII e XVIII, descobriu-se a infância, que passou a ser considerada etapa diferente da idade adulta e seu tratamento foi também diferenciado. No século XIX a criança passa a ser concebida com uma consideração especial e o avanço observado foi a liberação da realização de trabalhos pesados.

No século XX, essa evolução foi à visão definitiva da infância como período claramente diferenciado, e sobretudo, o conceito de adolescência como período diferenciado, tanto na infância como na idade adulta.

No século XXI, continua de forma mais evidenciada, as afirmações dos estudiosos e pesquisadores das áreas de ciências humanas sobre o desenvolvimento da criança a respeito de suas mudanças e adaptações constantes ao meio em que vive.

Segundo Wadsworth (1993), o desenvolvimento psicológico não é exclusivo de crianças e adolescentes, pois continua na idade adulta e não deixa de ocorrer ao longo de toda a vida humana. O meio em que o ser humano vive e sua herança genética, são importantes fatores no desenvolvimento psicomotor do mesmo.

Segundo Rosa (1993) os estudiosos dessa área tem concentrado grande soma de interesses nessa fase da vida humana, pois sabem que a idade pré-escolar é considerada a idade áurea da vida, pois é nesses períodos que o organismo se torna estruturalmente capacitado para o exercício de atividades psicomotoras mas complexas como por exemplo os da linguagem articulada.

Quase todas as teorias do desenvolvimento humano admitem que a idade pré-escolar é de fundamental importância, por ser um período em que, por assim dizer os fundamentos da personalidade do indivíduo lançados na primeira infância começam a tomar formas claras e definidas. Esse período é marcado por consideráveis mudanças no processo evolutivo, essa fase da vida humana constitui uma espécie de desafio, tanto para a criança como para os pais e educadores.

De acordo com Le Boulch (1996) a educação psicomotora deve ser considerada como uma educação de base na escola primária, pois ela condiciona todas as aprendizagens pré-escolares e escolares: leva a criança a tomar consciência de seu corpo, da lateralidade, a situar-se no espaço, a dominar o tempo, a adquirir habilidade suficiente e coordenação de seus gestos e movimentos. Assim sendo, observa-se que a educação psicomotora deve ser praticada desde o início da infância e conduzida com perseverança, para assim permitir, prevenir certas inaptações difíceis de melhorar, quando já estruturadas.

Segundo Piaget e Vygotsky apud Campos (1997), a criança nesta fase da vida, está constantemente testando suas habilidades físicas e mentais. O comportamento da criança nessa idade caracteriza-se por constante atividade exploratória, quer no terreno perceptivo, motor e verbal, quer numa espécie de combinação de todos os aspectos de seu funcionamento. É necessário, portanto, que tanto a família como as pessoas envolvidas nos processos de desenvolvimento psicomotor e aprendizagem da criança, acreditem que desempenham um papel fundamental nesses processos. E que é na interação com familiares e com outras pessoas e em atividades, que a criança cresce e aprende as formas de agir e de comunicar, do grupo social ao qual pertence.

Assim, em interação e atividade, vai assimilando os conhecimentos produzidos ao longo da história da humanidade. A família necessita despertar seus sentimentos de amor, carinho e atenção, para interagir de forma saudável e positiva com a criança, e assim construir junto com ela um belo começo de sua história de vida, pois o amor unido ao conhecimento, possibilita aos pais, familiares e outras pessoas, a criar condições para um desenvolvimento saudável da criança.

De acordo com Holanda & Bezerra (2000), através dos estudos de Vygostky e Luria, tornou-se possível um melhor entendimento a respeito dos três aspectos (instrumental, cultural e histórico) do processo do crescimento infantil.

Esse trabalho é composto de três capítulos, assim divididos: no primeiro capítulo relatamos sobre desenvolvimento da criança segundo Piaget, no segundo capítulo encontramos o desenvolvimento psicomotor de forma detalhada e no terceiro e último capítulo encontramos de forma simplificada como se processa a interação entre família e criança, demonstrando em cada período do seu crescimento de 0 a três anos.

CAPÍTULO I

O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

1.1 O Desenvolvimento Infantil na Visão de Alguns Estudiosos

Os estudiosos da psicologia evolutiva da infância dizem, que o desenvolvimento é um processo global e dinâmico de mudanças que resultam da interação entre uma pessoa e o seu meio, desde de sua concepção e continua por toda vida. Nesse processo a pessoa constrói: sua personalidade, pela sua própria ação e pela interação com outras pessoas e com as condições materiais, culturais e históricas do lugar onde vive. Na criança essas mudanças são bem mais evidentes. Quase todas as teorias do desenvolvimento humano admitem que a idade pré-escolar é de fundamental importância, por ser um período durante o qual, os fundamentos da personalidade do indivíduo lançados na primeira infância começam a tomar formas claras e definidas. Esse período é marcado por consideráveis mudanças no processo evolutivo. Essa fase da vida humana constitui uma espécie de desafio, tanto para a criança como para os pais e educadores.

De acordo com Holanda & Bezerra (2000), foi Vygotsky, nascido em Bielo-Rússia, que defendeu a idéia de que existe uma contínua interação entre as mutáveis condições sociais e a base biológica do comportamento humano. Partindo de estruturas orgânicas elementares, determinadas basicamente pela maturação, formam-se novas e mais complexas funções mentais, a depender da natureza das experiências sociais a que as crianças se acham expostas. Vygotsky foi um dos teóricos que buscou uma alternativa dentro do materialismo dialético para o conflito entre as concepções idealista e mecanicista na psicologia. Ao lado de Lúria e Leontiev, construiu propostas teóricas inovadoras sobre temas como a relação entre pensamento e linguagem, a natureza do processo de desenvolvimento da criança e o papel da instrução no desenvolvimento.

De acordo com Vygotsky, *apud* Holanda & Bezerra (2000), o homem não era visto como um ser passivo, e sim como ser ativo, que age sobre o mundo, sempre em relações sociais, e transforma essas ações para que constituam o funcionamento de um plano interno. No desenvolvimento e aprendizagem, aponta o papel da capacidade do homem de entender e utilizar a linguagem. Em toda sua obra, deu ênfase, a linguagem e sua relação com o pensamento.

Segundo Rosa (1993), os estudiosos dessa área, tem concentrado grande soma de interesses nessa fase da vida humana, pois sabem que a idade pré-escolar é considerada a idade áurea da vida, pois, é nesse período que o organismo se torna estruturalmente

capacitado para o exercício de atividades psicológicas mais complexas como por exemplo os da linguagem articulada.

De acordo com Holanda & Bezerra (2000), outro estudioso do desenvolvimento infantil foi Jean Piaget (1896 – 1980), Filósofo e Biólogo nascido na Suíça. Em sua infância e adolescência demonstrou uma rara precocidade intelectual. Graduou-se em Ciências Naturais, pelas quais mostrava grande interesse desde pequenino, mas lia também sobre outros assuntos: Sociologia, Religião e Filosofia. Durante suas leituras sobre Filosofia, Piaget interessou-se pelo estudo de como o conhecimento é adquirido (Epistemologia). Decidiu, então, entrar no mundo da Psicologia.

Com esse fim, deixou a Suíça e procurou diversos laboratórios, clínicas e universidades da Europa. Nessa época trabalhou em Paris, no laboratório de Binet, onde aplicava testes de inteligência em crianças das escolas públicas. Ele se sentia fascinado não com as respostas corretas que as crianças davam aos testes propostos, mas com suas respostas incorretas. Estudou obstinadamente as respostas incorretas na esperança de aprender sobre a extensão e a profundidade das idéias e dos processos mentais infantis.

O objetivo de Piaget era compreender como crianças de várias idades obtêm o conhecimento do mundo a seu redor. Descobrir como elas adquirem conhecimento tornou-se, para ele, o trabalho de sua vida inteira. Mais tarde, de novo na Suíça, anotou minuciosamente o crescimento mental de seus três filhos: Jacqueline, Laurent e Lucienne. Essas observações, cuidadosamente interpretadas, constituem suas obras *O nascimento da inteligência na criança* (1936) e *A construção do real na criança* (1937).

Piaget publicou inúmeros livros e artigos sobre o desenvolvimento cognitivo da criança. Seu trabalho foi muito influenciado pela sua formação em Ciências Naturais. Para Piaget, a habilidade de pensar resulta de uma base fisiológica. A criança nasce biologicamente equipada para realizar uma grande variedade de respostas motoras, que constituem a armação para os posteriores processos de pensamento. Até seu falecimento, Piaget se manteve trabalhando ativamente. Sua pesquisa não visava diretamente servir de base à educação. Sua principal finalidade era descobrir como o homem adquire conhecimento.

Por isso, dizemos que a principal finalidade das pesquisas de Piaget era epistemológica e não educacional. Mesmo assim, os educadores têm encontrado, nas descobertas de Piaget, muitos ensinamentos valiosos para seu trabalho.

O grupo de colaboradores de Piaget, conhecido como a Escola de Genebra, continua ainda, suas pesquisas. Mesmo fora da Suíça, a teoria de Piaget tem servido de inspiração tanto a pesquisa como a trabalhos na área da educação.

Segundo Holanda & Bezerra (2000), sua teoria é um grande referencial para o conhecimento do processo de desenvolvimento humano, pela sua produção contínua de pesquisas, pelo rigor científico de sua produção e pelas implicações práticas de sua teoria, principalmente no campo da educação. Piaget dedicou-se a investir no estudo científico sobre, como se forma o conhecimento. Ele acreditava que todo o conhecimento é um processo contínuo, e caracterizado por diversas fases ou etapas, definindo-as da seguinte forma:

- **A etapa sensório-motora (de 0 a 02 anos de idade)**, percepções sensoriais e em esquemas motores para resolver seus problemas.
- **A etapa pré-operatória (por volta dos 02 anos aos 07 anos de idade)**, aparecimento da linguagem oral.
- **A etapa operatória-concreta (por volta dos 07 aos 11 anos de idade)**, começa a desenvolver o que Piaget chama de pensamento operacional concreto, nessa etapa não se consegue mais “enganar” a criança com problemas concretos como o de conservação, que envolvem um conflito entre lógica e percepção.
- **A etapa operatório-formal (por volta dos 11 aos 15 anos de idade)**, a principal característica da etapa operatório-formal, por sua vez, reside no fato de que o pensamento se torna livre das limitações, da realidade concreta.

Segundo Piaget *apud* Campos (1997), o princípio de adaptação regula o desenvolvimento da criança e envolve um duplo processo conhecido como: **assimilação e acomodação**.

Tanto a família como a criança, submetem-se a padrões de comportamentos e adaptações as diversas mudanças que são oferecidas pelo meio social nos quais as mesmas convivem e pertencem. Por isso, afirma-se que o desenvolvimento humano é um processo global e dinâmico de mudanças que acontecem com uma pessoa desde sua concepção e continua por toda a sua vida.

Segundo Piaget *apud* Holanda & Bezerra (2000, p. 14 e 15), “a criança não é um adulto em miniatura. Ao contrário, apresenta características próprias de sua idade. Compreender isso é compreender a importância do estudo do desenvolvimento humano. Estudos e pesquisas de Piaget demonstraram que existem formas de perceber, compreender e se comportar diante do mundo, própria de cada faixa etária, isto é, existe uma assimilação progressiva do meio ambiente, que implica uma acomodação das estruturas mentais a este novo dado do mundo exterior. Todos esses aspectos levantados têm importância para educação. Planejar o que e como ensinar implica saber quem é o educando. Por exemplo, a linguagem que usamos com a criança de 04 anos não é a mesma como um jovem de 14 anos.

E, finalmente, estudar o desenvolvimento humano significa descobrir que ele é determinado pela interação de vários fatores”. Tais como:

- **Hereditariedade** – a carga genética estabelece o potencial do indivíduo, que pode ou não desenvolver-se.
- **Crescimento orgânico** – refere-se ao aspecto físico. O aumento de altura e a estabilização dos esqueletos permitem ao indivíduo comportamentos e um domínio do mundo que antes não existiam. Exemplo: quando a criança começa a engatinhar, e depois andar, realizando assim novas descobertas.
- **Maturação neurofisiológica** – é o que torna possível determinado padrão de comportamento. Exemplo: a alfabetização das crianças depende dessa maturação.
- **Meio** – o conjunto de influências e estimulações ambientais altera os padrões de comportamento do indivíduo. Exemplo: se a estimulação verbal for muito intensa, uma criança de 3 anos pode ter um repertório verbal muito maior do que a média das crianças de sua idade, mas, ao mesmo tempo, pode não subir e descer com facilidade uma escada, porque esta situação pode não ter feito parte de sua experiência de vida.

Segundo Piaget e Vygotsky *apud* Campos (1997), a criança nesta fase da vida, está constantemente testando suas habilidades físicas e mentais. O comportamento da criança nesta idade caracteriza-se por constante atividade exploratória, quer no terreno perceptivo, motor e verbal, quer numa espécie de combinação de todos os aspectos do seu funcionamento. É necessário, portanto, que tanto a família como também as pessoas envolvidas nos processos de desenvolvimento e aprendizagem da criança, acreditem que desempenham um papel fundamental nesses processos. E que é na interação com familiares e com outras pessoas e em atividades, que a criança cresce e aprende as formas de agir e de se comunicar, característico do grupo social ao qual pertence. Assim, em interação e atividade, a criança vai assimilando os conhecimentos produzidos ao longo da história da humanidade. A família necessita despertar seus sentimentos de amor, carinho e atenção, para interagir com a criança e construir junto com ela um belo começo de sua história de vida. Porém observamos cada vez mais que só amar uma criança não é garantia de saber educa-la. Que o amor unido ao conhecimento, possibilita aos pais, familiares e outras pessoas, a criar condições para um desenvolvimento saudável da criança.

De acordo com Vygotsky e Luria, *apud* Holanda & Bezerra (2000), o desenvolvimento infantil é visto a partir de três aspectos:

- **Instrumental** – refere-se à natureza, basicamente mediadora das funções psicológicas complexas. Não apenas respondemos aos estímulos apresentados no ambiente, mas os

alteramos e usamos suas modificações como um instrumento de nosso comportamento.

- **Cultural** – envolve os meios socialmente estruturados pelos quais a sociedade organiza os tipos de tarefa que a criança em crescimento enfrenta, e os tipos de instrumentos mentais como físicos, de que a criança pequena dispõe para dominar aquelas tarefas. Ex.: a linguagem, essa é usada como instrumento básico. Por isso, Vygotsky deu ênfase, em toda a sua obra, à linguagem e sua relação com o pensamento.
- **Histórico** – o elemento histórico, funde-se com o cultural, pois os instrumentos que o homem usa, para dominar seu ambiente e seu próprio comportamento, foram criados e modificados ao longo da história social e da civilização. Esse desenvolvimento então é observado pelas mudanças que ocorrem na pessoa. Na criança, essas mudanças são bem evidentes. Desenvolvem-se, isto é, crescem ou se modificam, seu corpo, sua inteligência, seus sentimentos, de forma global, pela integração e interação de aspectos físicos e psíquicos.

Esses processos guardam sua própria identidade, isto é, cada um tem suas próprias características, influenciadas pela herança genética e do meio, na determinação do seu desenvolvimento.

Segundo Piaget *apud* Holanda & Bezerra (2000), o desenvolvimento humano deve ser entendido como uma globalidade, mas, para efeito de estudo, tem sido abordado a partir de quatro aspectos básicos:

- **Aspecto físico-motor** - refere-se ao crescimento orgânico, à maturação neurofisiológica, à capacidade de manipulação de objetos e de exercício do próprio corpo. Ex.: a criança leva a chupeta à boca ou consegue tomar a mamadeira sozinha, por volta dos 7 meses, porque já coordena os movimentos das mãos.
- **Aspecto intelectual** – é a capacidade de pensamento, raciocínio. Ex.: a criança de 2 anos que usa um cabo de vassoura para puxar um brinquedo que está embaixo de um móvel ou um jovem que planeja seus gastos a partir de sua mesada ou salário.
- **Aspecto afetivo-emocional** – é o modo particular de o indivíduo integrar as suas experiências. É o sentir, a sexualidade faz parte desse aspecto. Ex.: a vergonha que sentimos em algumas situações, o medo em outras, a alegria de rever um amigo querido.
- **Aspecto social** – é a maneira como o indivíduo reage diante das situações que envolvem outras pessoas. Ex.: em um grupo de crianças, no parque, é possível

observar algumas que espontaneamente buscam outras para brincar, e algumas que permanecem sozinhas.

Esses aspectos de crescimento, apesar de guardarem sua própria identidade, cada um tem suas próprias características, influenciando um no outro, de tal modo que, são ao mesmo tempo, causa e efeito um do outro. Todas as teorias do desenvolvimento humano partem do pressuposto de que esses quatro aspectos são indissociados, mas elas podem enfatizar aspectos diferentes, isto é, estudar o desenvolvimento global a partir da ênfase em um dos aspectos. Ex.: a psicanálise, estuda o desenvolvimento a partir do aspecto afetivo, com ênfase no desenvolvimento da sexualidade e o cognitivismo de Jean Piaget, enfatiza o desenvolvimento intelectual.

Para Vygotsky *apud* Holanda & Bezerra (2000, p. 19), “a história da sociedade e o desenvolvimento do homem caminham juntos e mais do que isso, estão de tal forma intrincados, que um não seria o que é sem o outro. Com essa perspectiva, é que Vygotsky estudou o desenvolvimento infantil. As crianças, desde o nascimento, estão em constante interação com os adultos, que ativamente procuram incorporá-las as suas relação e a sua cultura. No início, as respostas das crianças são dominadas por processos naturais, especialmente aqueles proporcionados pela herança biológica. É através da mediação dos adultos que os processos psicológicos mais complexos tomam forma. Inicialmente, esses processos são intersíquicos (partilhados entre pessoas), isto é, só podem funcionar durante a interação das crianças com os adultos. À medida em que a criança cresce, os processos acabam por ser executados dentro das próprias crianças – intrapsíquicos.

É através desta interiorização dos meios de operação das informações, meios estes historicamente determinados e culturalmente organizados, que a natureza social das pessoas tornou-se igualmente sua natureza psicológica. No estudo feito por Vygotsky, sobre o desenvolvimento da fala, sua visão fica bastante clara: inicialmente, os aspectos motores e verbais do comportamento estão misturados. A fala envolve os elementos referenciais, a conservação orientada pelo o objeto, as expressões emocionais e outros tipos de fala social. Como a criança está cercada por adultos na família, a fala começa a adquirir traços demonstrativos, e ela começa a indicar o que está fazendo e de que está precisando. Após algum tempo, a criança, fazendo distinções para os outros com o auxílio da fala, começa a fazer distinções para si mesmo. E a fala vai deixando de ser um meio para dirigir o comportamento dos outros e vai adquirindo a função de autodireção”. O desenvolvimento está, pois, alicerçado sobre o plano das interações. Neste estudo de complementação recíproca do desenvolvimento cognitivo, segundo Piaget *apud* Rosa (1993), o desenvolvimento

intelectual se faz através de estágios ou períodos rigidamente seqüenciados, com interação do ser com o meio e diferenças culturais.

Segundo Vygotsky *apud* Campos (1997), a integração entre o organismo e o meio, é considerada básica, e vê a aquisição do conhecimento em processo constituído pelo indivíduo durante toda a vida. Também atribui especialmente importância a interação com outras pessoas, adultos e crianças, para que, desde de bebê, o indivíduo construa o seu modo de agir, pensar e sentir, do seu conhecimento de mundo. O estudo da linguagem na visão de Piaget *apud* Rosa (1993, p. 87 e 88), enfatiza que:

- Encontra-se relacionado com o pensamento;
- A inteligência sensória motora antecede e possibilita o desenvolvimento da linguagem;
- O Período pré-operacional é marcado pela linguagem;
- A linguagem continua sendo dependente dos avanços no desenvolvimento da inteligência;
- No Período operacional concreto a linguagem e a inteligência potencializam-se e se interligam, permitindo um desenvolvimento geral em nível psicológico;
- No Período das operações formais a linguagem vai ocupar papel central e superior ao do pensamento;
- O pensamento formal torna-se possível graças ao uso da lógica formal tornando a linguagem formal imprescindível ao desenvolvimento cognitivo.

A linguagem infantil na visão de Vygotsky *apud* Rosa (1993) é uma conduta inicialmente guiada pela fala do adulto, depois torna-se guiada pela fala externa da própria criança; converte-se em fala interna ou fala para se mesmo em forma de fala subvocal e passa, posteriormente, a ser pensamento ou linguagem externa. Pensamento não é senão a linguagem interiorizada, sendo, assim, de natureza social em essência.

Segundo Vygotsky *apud* Holanda & Bezerra (2000), considera básica a interação entre a família, criança e meio e vê a aquisição do conhecimento em processo constituído pelo indivíduo durante toda a vida. Pois a fala envolve os elementos referenciais, a conservação orientada pelo objeto, as expressões emocionais e outros tipos de fala social. Como a criança está cercada por adultos na família, a fala começa a adquirir traços demonstrativos, e ela começa a indicar o que está fazendo e de que está precisando. Fala e ação, que se desenvolvem independentes uma da outra, em determinado momento do desenvolvimento convergem, e esse é o momento de maior significado no curso do desenvolvimento intelectual, que dá origem às formas puramente humanas de inteligência. Portanto é a família o primeiro

universo ensinante no qual a criança vive e nela faz aquisições afetivas, morais, pedagógicas e biológicas, que perduram por muito e muito tempo, se não a vida inteira.

Segundo Campos (1997) outro grande estudioso do desenvolvimento humano, na área da psicanálise, foi Sigmund Freud, fundador da psicanálise, médico austríaco, nascido em 1856, nas proximidades de Viena, onde estudou medicina, especializando-se em neurologia (parte da medicina que estuda as doenças do sistema nervoso).

Durante muitos anos, em Viena, Freud trabalhou com dedicação e persistência, cuidando de doentes e observando pessoas sãs. Assim, Freud tornou-se um grande conhecedor da mente humana. Então, publicou uma doutrina psicológica completamente nova, explicando o funcionamento da mente e o desenvolvimento da personalidade. Essa doutrina foi chamada “psico-análise”, hoje, psicanálise. A doutrina “freudiana” difundiu-se por todo do mundo e influenciou vários campos da atividade humana, principalmente a psiquiatria (parte da medicina que trata das doenças mentais). É grande, também, o número de psicanalistas dedicados a aplicar a psicanálise à educação da infância. Vejamos alguns pontos da teoria psicanalítica que ajudam pais e professores a compreender melhor a infância, aumentando sua capacidade de previsão e controle do comportamento de seus filhos e alunos.

Freud criou a escola de pensamento chamada psicanálise, tornando-se, talvez, a figura mais famosa da psicologia. Esse médico vienense, durante o dia, tratava doentes com distúrbios nervosos e, à noite, escrevia suas observações e pensamentos. Freud concluiu, dessas observações, que todo o comportamento é motivado, e que os motivos estão, geralmente escondidos do indivíduo, o que leva muito comportamento a parecer irracional. A fonte básica desses motivos é o íbido, ou impulso de busca e prazer. Ele descreveu a personalidade como resultante de três componentes: id, ego e superego. Muito da ansiedade humana resulta do conflito interno entre esses três componentes. Distúrbios da personalidade adulta podem ser estudados e mostrarem que suas causas estão diretamente ligadas a ansiedade e traumas na infância. Libido. Observando seus pacientes, Freud constatou que, na maioria das vezes, a doença mental é provocada por um problema sexual. Além disso, Freud também estudou pessoas normais e chegou à conclusão básica de sua teoria: o comportamento humano orienta-se pelo impulso sexual. Freud dá o nome de libido ao impulso sexual. Libido é, uma palavra latina, feminina, que significa prazer. A libido é uma força de grande alcance na nossa personalidade; é um impulso fundamental ou fonte de energia. Após alguns anos, Freud ampliou o sentido da palavra libido, abrangendo, também, o impulso da agressão.

Elementos da personalidade. Freud divide a personalidade humana em três elementos:

- Id – é a parte irracional ou animal, biológica hereditária, que existe em todas as pessoas, sempre procurando satisfazer a libido, os impulsos sexuais. Esses impulsos do id, na maioria, são inconscientes, passam despercebidos.
- Superego – desde que nascemos, vivemos em um grupo social do qual vamos recebendo influências constantes. Desse grupo vamos absorvendo, aos poucos, idéias morais, religiosas, regras de conduta etc., que vão constituir uma força em nossa personalidade. A essa força, que é adquirida lentamente por influência de nossa vida em sociedade, Freud chama de superego. O id e o superego são forças opostas, em constante conflito. O superego, quase sempre, é contrário à satisfação de nossa natureza animal, enquanto o id procura satisfazê-la. Essa luta entre id e superego, imperceptível na maioria das vezes, é inconsciente.
- Ego – o que procura manter o equilíbrio entre essas forças opostas é a nossa razão, a nossa inteligência, à qual Freud chama de ego. O ego tenta resolver o constante conflito entre id e superego. Numa pessoa normal, o conflito é resolvido com êxito. Quando o ego consegue equilibrar as duas forças conflitantes, a saúde mental é normal. Mas, no momento em que o ego não consegue mais manter essa harmonia, aparecem os distúrbios mentais. A teoria de Freud é que “nossa personalidade é dinâmica, e resulta de duas forças antagônicas: o id e o superego”.

Níveis da vida mental. Ao apresentar a sua teoria, Freud explicou o que ele entendia por inconsciente. Não foi ele, porém, que primeiro afirmou a existência de uma vida mental inconsciente. Antes dele, já se falava nisso. Freud explicou que a nossa vida mental se dá em três níveis: consciente, pré ou subconsciente e inconsciente.

Nível consciente. Há fenômenos mentais que estão se processando e deles estamos tomando conhecimento imediato. Por exemplo, sei o que estou pensando, sei das percepções, das emoções que estão ocorrendo agora em minha mente.

Nível pré-consciente (ou subconsciente). Há fenômenos que não estão se passando agora em minha mente, mas que são do meu conhecimento. Sei da existência dos mesmos, posso chamá-los à minha mente quando quiser ou necessitar. Posso evocá-los. Por exemplo: posso reviver, em certos momentos, muitos fatos que se passaram comigo, nos quais não estou continuamente pensando: evoco lembranças, emoções etc. esses fatos, tanto os que estão acontecendo agora em minha mente como aqueles que eu poderia evocar neste momento (consciente e pré-conscientes), são fatos do meu domínio, conheço-os. Tenho consciência deles.

Nível inconsciente. Para entender a teoria de Freud, é importante aceitar a existência dos fenômenos mentais inconscientes. São fenômenos mentais inconscientes. São fenômenos que se realizam em nossas mentes sem que o saibamos. Ele nos passam despercebidos, nós os ignoramos. Já se afirmava, antes de Freud, a existência da vida mental inconsciente. Ele, porém, teve o mérito de: fornecer meios para conhecer a vida mental inconsciente: as técnicas psicanalíticas (a associação livre, a análise dos sonhos e a análise dos atos falhos); afirmar que os fatos inconscientes têm grande influência na direção de nosso comportamento, na orientação de nossas ações. Por exemplo, podemos ignorar a existência em nós de emoções, tendências e impulsos, os quais, na realidade, estão influenciando fortemente as nossas vidas.

Desenvolvimento psicosssexual. Freud apresentou uma explicação psicosssexual ao desenvolvimento humano. Ele foi o primeiro a tratar da sexualidade infantil. Segundo Freud, o impulso sexual já se manifesta no bebê – como pode ser comprovado pela observação direta de crianças e pela análise clínica de crianças e adultos, bem como pela similaridade das manifestações do impulso sexual entre elas e o adulto, beijos, carícias, olhares, exhibições etc.

Em 1905, em seu livro *Três Ensaios sobre a Sexualidade*, Freud descreveu a seqüência típica das manifestações do impulso sexual, distinguindo cinco fases: oral, anal, fálica, de latência e a fase adulta, chamada genital. A transição de uma fase a outras é muito gradual; as fases se superpõem e sua duração varia de um indivíduo para outro. Freud usou de maneira original técnicas como a hipnose e a associação livre de idéias, mas não apresentou a psicanálise como uma simples corrente psicológica, caracterizando-a como uma nova disciplina coerente e marcada por novos procedimentos de pesquisa bem como novos objetivos de investigação. A teoria psicanalítica de Freud favoreceu a compreensão do desenvolvimento da personalidade infantil.

A psicanálise não se preocupou com o estudo das áreas tradicionais da psicologia, mas com a terapia de pessoas com distúrbios emocionais. Seu objeto de estudo é o comportamento anormal, relativamente negligenciando pelas outras escolas de pensamento e seu método primário é a observação clínica e não a experiência sob o controle de laboratório. A teoria Freudiana da evolução da personalidade tem como, um dos conceitos fundamentais a idéia da energia psíquica.

Segundo Freud *apud* Holanda & Bezerra (2000, p.44): “O ser humano se desenvolve ao longo de uma energia psíquica de natureza sexual por ele chamado de libido. Daí a razão porque a psicanálise se refere ao desenvolvimento humano em termos de **evolução psicosssexual da personalidade**. Essa evolução psicosssexual é feita através de diferentes estágios porque passa o ser humano, em diferentes idades no seu processo de desenvolvimento. Freud, reconheceu cinco estágios nessa evolução da libido, apesar de dar

maior ênfase apenas a quatro desses. A cada um desses estágios da evolução psicosssexual corresponde uma característica de personalidade, ou padrão típico de comportamento”.

Além dos três fatores constituintes da personalidade humana: o **id**, o **ego** e o **superego**, na teoria psicanalítica, o **desenvolvimento da personalidade** passa pelos seguintes estágios psicosssexuais:

- a) **Estágio Oral**, do nascimento até o segundo anos de vida, no qual a estimulação da boca é a fonte primária de satisfação erótica, que, quando não satisfeita, pode produzir uma gama de comportamentos adultos, indo do otimismo ao sarcasmo e ao cinismo;
- b) **Estágio Anal**, no qual as crianças derivam prazer da zona anal e coincide com o período de treinamento da higiene pessoal, podendo organizar-se uma personalidade perdulária e extravagante ou demasiado asseada, parcimoniosa e compulsiva;
- c) **Estágio Fálico**, por volta do quarto ano de idade, com a satisfação erótica na região genital, muita manipulação e exibição dos genitais, bem como o desenvolvimento do complexo de Édipo, que consiste na atração pelo genitor do sexo oposto, depois substituído pela identificação com o genitor do mesmo sexo e desenvolvimento do superego;
- d) **Período de Latência**, mais ou menos do quinto ao décimo segundo ano de vida; sendo caracterizado por uma parada do processo de desenvolvimento prosexual;
- e) **Estágio Genital**, na adolescência, quando se evidencia o comportamento heterossexual demonstrando uma retomada do desenvolvimento nesta área e o início do preparo para a procriação.

Segundo Freud *apud* Campos (1997, p. 47 a 49), as três instâncias da personalidade e a ontogênese do desenvolvimento, descritas por Freud como três lugares ou três sistemas de funcionamento psíquico, não devem ser consideradas como isoladas, mas apresentando uma configuração própria, nas quais a personalidade em sua totalidade não pode se reencontrar, pois admitem-se conflitos entre os mesmos ou nos mesmos devido a pulsões contraditórias.

Segundo a Teoria Freudiana da sexualidade infantil *apud* Rosa (1993, p. 71 e 72) foi muito criticada especialmente, pelo fato de ser baseada em análise de retrospectiva dos reflexos e memórias de pessoas adultas que procuraram os serviços do psicanalista. O Trabalho de Freud, três ensaios sobre a teoria da sexualidade, sendo segundo ensaio dedicado à sexualidade infantil, é de 1905. Poucos anos depois, Freud teve a oportunidade de tratar um caso de fobia de um menino de cinco anos de idade em que ele via a confirmação da tese fundamental da sua teoria. Trata-se do famoso caso do pequeno Hans (publicado em 1909), filho de um médico admirador de Freud e de sua teoria, cujo, os sintomas foram inicialmente

anotados pelo o próprio pai do menino e depois referidos a Freud para tratamento. O caso “clínico do pequeno Hans” é apresentado no 10º volume da edição standart brasileira da obras psicológicas completas de Sigmund Freud, cuja leitura recomendamos ao leitor interessado. Para Freud, portanto, o caso de Hans era uma evidencia da sexualidade infantil que, segundo a teoria por ele formulada, serve de base à explicação da rivalidade entre a criança e o genitor do mesmo sexo.

Segundo Rosa (1993, p. 88), já no desenvolvimento psicossocial da criança, do ponto de vista da psicologia evolutiva, esse período da vida humana é de grande importância para o desenvolvimento da personalidade.

Segundo o psicanalista Erik Erikson *apud* Holanda & Bezerra (2000, p. 70), é de grande importância no que toca ao desenvolvimento da “autonomia e da independência”. “A criança aos poucos aprende a escolher e decidir e aceitar as conseqüências da escolha. Aos poucos percebe que os indivíduos são valorizados em diversos graus dependendo daquilo que sabem fazer, e aprender a formar relacionamentos fora de casa e a confiar em outros adultos e crianças”. Ainda dentro deste contexto de desenvolvimento da autonomia da criança, Dowling, *apud* Holanda & Bezerra (2000, p. 70), uni especialista em escolas maternais e descreve:

As oportunidades para desenvolver a independência devem predominar em todas as áreas da escola materna: sistemas de lanche em que a própria criança se sirva, darão ao individuo a oportunidade de encher o seu próprio copo e decidir qual a quantidade que pode beber; banheiros convenientes facultam à criança usá-los do modo que quer e quando quer; a escolha entre brincar dentro ou fora da sala com uma variedade de materiais, de ouvir ou não uma sessão de histórias, de selecionar os próprios companheiros de brincadeira, tudo isso já são os rudimentos da tomada de decisões a para a vida inteira. Uma criança capaz de tomar decisões e agir segundo a sua própria iniciativa crescerá rapidamente na autoconfiança.

O estudo das dimensões culturais do comportamento humano levou Erikson *apud* Rosa (1993:103), a se preocupar com algo além dos processos do **id** e do **superego** sugeridos por Freud. Segundo sua teoria, durante o processo evolutivo da fase pré-escolar, duas qualidades do **eu** emerge: **autonomia** e **iniciativa**. São qualidades do eu que tem como alternativas: vergonha, dúvida e sentimento de culpa respectivamente.

Autonomia e iniciativa – São qualidades intimamente relacionadas com os conceitos de competência e realização.

Segundo Erikson *apud* Rosa (1993, p.103), o senso de autonomia da criança aparentemente, depende do resultado obtido em sua luta no sentido de torna-se um ser humano competente. Aos três anos de idade, se usa ajustamentos próprios dessa fase evolutiva estiverem devidamente alcançados, a criança deve pensar sobre si mesma como alguém

razoavelmente competente. No que se refere ao atendimento de suas necessidades imediatas, deve sentir-se bastante segura de si mesma nesse particular. O processo de autonomia no contexto de analidade, e salienta o papel da cultura na aquisição dessa qualidade do eu. Afirma que para desenvolver o senso de autonomia, é necessário que o ser humano mantenha a confiança básica desenvolvida no estágio anterior.

A criança deve sentir que a confiança em si mesmo e no mundo (que é o tesouro permanente salvo dos conflitos do estágio oral) não será posta em perigo por seu desejo violento e momentâneo de escolher fazer exigências, e de excretar teimosamente. “Todavia seu ambiente deve ampará-la no desejo de andar com seus próprios pés”. Para desenvolver a iniciativa como qualidade do eu nessa fase da vida, o meio desempenha importante papel influenciando em seu desenvolvimento.

De acordo com Vygotsky e Luria apud Holanda & Bezerra (2000), os pais, por sua vez, assumem uma atitude de reação ao desenvolvimento da criança, porque se torna bastante difícil, predizer o que resultará do comportamento decorrente desse desenvolvimento. Podemos dizer, portanto, que o maior problema para os pais nessa fase de evolução da criança, é sua impossibilidade prática de acompanhar o processo evolutivo dos seus próprios filhos. Quando, de certo modo, eles estão se acostumando aos padrões de comportamento da criança, esses padrões começam novamente a mudar por conta dos novos níveis de amadurecimento físico e mental da criança em desenvolvimento.

Desenvolvimento Emocional

Segundo Rosa (1993) o desenvolvimento emocional da criança nessa fase evolutiva de vida é bastante simples. Ela ainda não aprendeu a reprimir suas emoções, de acordo ou não com suas necessidades básicas. O repertório de emoções é pouco nesta fase da vida. O medo, a era e a afeição são os mais comuns. Quando a criança sente fome a sua resposta emocional é o choro. No desenvolvimento emocional a mãe desempenha importante papel, assim como o contato físico. A primeira emoção é a excitação, depois do sentido de afeição, expressa o prazer do contentamento.

Aquisição Do Senso Moral

Para Rosa (1993, p. 62 e 63), o senso moral não é algo determinado geneticamente, ele é relativo ao meio que o produziu. Nessa idade a criança ainda não tem a capacidade intelectual de considerar os efeitos de sua ação sobre outras pessoas.

O processo que ela atravessa normalmente dentro de sua evolução é que o organismo responde a seus impulsos biológicos, e o seu desenvolvimento cognitivo, são fatores que influenciam no processo de socialização e evolução da espécie humana.

É fundamental para os pais, pessoas e principalmente educadores, conhecerem as várias fases do desenvolvimento da criança, pois em cada uma, assim como a coordenação motora ou a linguagem tem uma forma de expressão, evoluindo pouco a pouco, como uma escada em que subimos um degrau para chegarmos ao que está mais acima. Pois assim acontece a evolução humana.

De acordo com Fonseca (1995), outro estudioso do desenvolvimento humano destacando-se pelo seu pioneirismo no que diz respeito ao estudo do desenvolvimento psicomotor foi Wallon (1879 – 1962), francês, médico psiquiatra, considerava o ser como um todo. Na primeira guerra mundial tratou de doentes lesionados cerebrais; depois crianças anormais com síndromes psicomotoras. Na Segunda Guerra Mundial foi foragido da GESTAPO. Começa na psiquiatria, passa pela psicologia e termina na pedagogia. Elaborou um projeto de ensino para a França em 1946, para resolver dois problemas; a permanência da criança na escola e não reprovar ao longo de toda a escolaridade (dos 7 aos 18 anos).

Psicogêneses da pessoa e não da inteligência; construção de pessoas singularizadas e únicas: uma psicologia do desenvolvimento interessada na pessoa completa, concreta, integral, corpórea, e contextualidade – sujeito cognitivo, afetivo, biológico e social. Sai psicogenética é bio-sócio – histórica: olhar concreto a criança e dentro do seu cotidiano. Conhece-la concretamente, contextualmente nas suas condições concretas de vida. No adolescente é conhecer seu projeto de vida.

- A criança é um ser concreto, uma unidade dialética, cheia de contradições e conflitos.
- Construção do eu se faz da negação do outro – busca de diferenciação entre eu e o outro, na socialização. O sujeito é geneticamente social, a forma de ver o mundo é dada pelo social, a singularidade vem do social.

Horizonte de singularidade: eu me individualizo na interação.

O conflito com o outro é que singulariza o sujeito. Este é um processo conflitivo, exclusivo, exclusivo e se faz na contradição e na negação. “Conflito expulsa o outro de mim”. Conhecimento: apropriação do outro em mim. O sujeito se constrói: por imitação, apropriação e por exteriorização do que não é seu. O professor – “fabricação de individualidades”, deve aceitar o conflito como algo necessário e distinguir qual o conflito que é útil e é inútil; qual é saudável e qual é perda de energia.

Para Wallon as duas principais dimensões do sujeito são: afetividade e cognição. Elas se cruzam e se alteram ao longo do desenvolvimento, há momentos mais, subjetivos e outros

mais objetivos. O desenvolvimento da pessoa é o tear das duas, elas se cruzam como um tecido, uma constrói a outra.

1.2 O Desenvolvimento da Criança Segundo Piaget

Segundo Piaget *apud* Rosa (1993), na primeira infância os **processos perceptivos** apresentam um bom desenvolvimento. Com o amadurecimento do sistema nervoso, a resposta do organismo aos estímulos tornam-se mais específicos.

Já nos **processos cognitivos** da primeira infância o trabalho de Piaget sobre esse desenvolvimento cognitivo da idade pré-escolar, tem muitas implicações para o desenvolvimento da personalidade. Na opinião de Rappoport (1981, p. 46):

A generalização mais importante que se pode fazer, entretanto, é esta: há limites bastantes óbvios que nos indica o que podemos exigir de uma criança, em termos cognitivos, ainda em relação ao desenvolvimento cognitivo da criança, além do trabalho de Piaget, gostaria de mencionar outro cujo trabalho representa considerável contribuição ao estado desse processo. Refiro-me a Jerome Bruner, da Universidade de Harward.

Segundo Rosa (1993, p. 78), Bruner de certo modo um seguidor de Piaget, tem se preocupado muito com o desenvolvimento cognitivo do ser humano. Segundo ele, o pensamento é o meio pelo qual o individuo representa para si mesmo o seu próprio mundo. Inicialmente o individuo se limita ao modo “inativo” de representação mundo, isto é, as crianças entendem as coisas somente através das propriedades ativas que elas possuem. No estágio pré-escolar, segundo a teoria de Bruner, o modo de representação do mundo da criança se torna “icônico”, ou seja, viso-perceptivo. Um dos resultados bastante interessante de sua pesquisa é o que se relaciona com o processo de “discentração”. Nesse estágio, a criança comete erros porque ainda não é capaz de relacionar diferentes coisas, umas com as outras, de acordo com esquemas cognitivos de ordem superior.

Segundo Bruner *apud* Rosa (1993, p. 78), no estágio de “discentração” a criança aparentemente tem que dá um passo atrás, antes de poder dá um passo mais seguro à frente. Seguindo desse processo podemos observar o desenvolvimento da **primeira infância**. Esse período corresponde à vida, que vai desde o nascimento até os dois anos de idade. É uma fase de grandes e significativas mudanças na vida do ser humano.

As primeiras tarefas evolutivas dessa idade são:

- Aprender a andar: entre nove e quinze-meses de idade;
- Aprender a tomar alimentos;
- Aprender a falar;

- Aprender a controlar o processo de eliminação de produtos excretórios;
- Aprender a diferença básica entre o sexo;
- Alcançar certa estabilidade fisiológica;
- Formar conceitos;
- Aprender a relacionar-se com seus pais e irmãos e outras pessoas;
- Aprender a distinguir o certo e o errado.

A respeito desses processos, encontraremos nos anexos de forma detalhada e resumida a tabela dos períodos do desenvolvimento cognitivo segundo Piaget apud Wadsworth (1971).

Segundo Allport, *apud* Rosa (1993), o desenvolvimento psicossocial na primeira infância é um processo que se desenvolvem os padrões típicos do comportamento do indivíduo, que é a personalidade. Os principais aspectos do desenvolvimento psicossocial do indivíduo são: **aquisição da linguagem e o desenvolvimento emocional**. Acredita-se, em geral, que a linguagem humana resulta de uma combinação de estruturas biológicas e de fatores ambientais. Isto é, na **linguagem articulada** se torna possível o acúmulo e a transmissão da cultura em todos os aspectos. Os seres humanos possuem como parte do seu equipamento biológico as estruturas da linguagem ou da fala, e o meio lhes oferece modelos de imitar e sistema de recompensa ou de reforço, as imitações satisfatórias para o grupo a que o indivíduo pertence. Não existe, entretanto, opinião unânime sobre o assunto da origem da linguagem.

Dentre as muitas teorias gerais sobre a origem da linguagem articulada, Osgood *apud* Rosa (1993, p.79) menciona as seguintes:

- **A Teoria Mista** – afirma que certos objetos tem o poder de evocar determinados sons nos seres humanos. Quando esses sons são produzidos em associação da experiência do indivíduo com o objeto, os sons começam a significar os objetos a eles associados.
- **A Teoria Imitativa** – afirma que a linguagem resulta de um processo de imitações dos sons produzidos pelos animais e pelas coisas da natureza. Segundo essa teoria, portanto, a linguagem articulada representa uma evolução que tem base no processo onomotopaico.
- **A Teoria Geral** – afirma que a linguagem articulada se desenvolve a partir de interjeições usadas pelo homem para comunicar determinados estados do seu espírito e que foram se produzindo lentamente sobre o controle da cultura.

Durante a **primeira infância**, é com o auxílio da aprendizagem social que se fornece elementos para o desenvolvimento da linguagem articulada, pode-se, de imediato, mencionar um ponto fundamental. As crianças normais, não prejudicadas por surdez, lesão cerebral, ou

outros transtornos físicos ou psíquicos, apresentam o seguinte desenvolvimento da linguagem articulada:

- **Aos seis meses** aproximadamente – começam a balbuciar, emitindo vários sons.
- **Aos nove e dez meses** a criança começa a repetir os sons que ouve, ela repete os sons que escuta e naturalmente desenvolve a capacidade de falar: nesta fase ela se limita a uma sílaba.
- **Entre os dez e doze meses** a criança presta atenção às palavras mais comuns e compreende as mesmas. É importante que os pais ou pessoas próximas da criança (família) falem com clareza, pois a criança naturalmente vai absorver e usar socialmente como foi compreendido. Nessa idade ela começa falar algumas palavras isoladas.
- **Com quinze meses** o vocabulário típico é de quatro palavras, mas contudo compreende um número muito maior de palavras do que fala. É na idade pré-escolar que o vocabulário da criança aumenta de forma considerável.
- **Aos dois anos de idade** o vocabulário médio de uma criança é de cerca de cinquenta palavras.
- **Aos três anos de idade** a criança já usa sentenças compostas, de três ou quatro palavras.
- **Entre quatro e cinco anos de idade** a criança não só combina as palavras, como também adquire a sintaxe praticamente quase completa dessas palavras.
- **Aos seis anos de idade**, a criança é capaz de usar sentenças de cinco ou seis vocábulos.
- **A partir dos oito anos de idade** a criança começa então, aumentar de forma considerável seu vocabulário de acordo com o desenvolvimento do seu potencial de aprendizagem. Se o ser humano continua-se a aumentar seu vocabulário nessa proporção, aos vinte anos de idade ele seria verdadeiramente assombroso.

Piaget *apud* Rosa (1993, p.60), classifica a linguagem da criança em **egocêntrica e socializada**.

- **Linguagem egocêntrica** – quando a criança fala para si mesma, não se preocupa se alguém está ouvindo, relacionada com suas próprias ações.
- **Linguagem socializada** – compreende vários tipos de comunicação e envolve troca de pensamento, a crítica do comportamento ou ação dos outros, não se limita a si mesmo.

Do ponto de vista da psicologia evolutiva, esse período da vida humana é de grande importância para o desenvolvimento da personalidade, concordando parcialmente ou plenamente com a teoria Freudiana quase todos admitem que é nessa fase da vida que se

lançam os alicerces das estruturas fundamentais da personalidade. Além dos aspectos gerais do desenvolvimento físico e da aquisição da linguagem articulada, há os aspectos sócio-emocionais desse processo psicossocial especialmente o da criança. Pois um dos pontos principais do desenvolvimento psicossocial no pré-escolar é o aparecimento do “eu”, este é sem dúvida o acontecimento de maior importância nessa fase da vida humana.

Segundo Allport *apud* Rosa (1993, p.88 a 90), o processo da formação do “eu” é descrito através de cinco estágios, que são:

- **O conceito da sensação física ou corpórea do “eu”** – Na primeira infância, a criança começa a distinguir entre o seu próprio corpo e os elementos do meio ambiente. **Ex.1:** É comum, a criança por volta de cinco meses descobrir os dedos dos pés e começar a brincar com eles. **Ex.2:** Aos dois anos de idade, porém a criança já tem a experiência direta de seu próprio corpo, e de sua identidade inclui o seu próprio nome algo que lhe pertence;
- **O conceito de continuidade e auto-identidade** – É facilitado pela aquisição da linguagem. **Ex.1:** Aos dois anos de idade, normalmente a criança já sabe o seu nome, mesmo que ainda não possa usar os verbos e pronomes pessoais de sua linguagem. **Ex.2:** Aos três anos de idade, há sinais de que a criança percebe sua continuidade no tempo e no espaço;
- **O conceito de orgulho ou auto-estima** – Surge na criança aos três anos de idade. **Ex.1:** A criança nessa idade, começa a sentir que tem o poder ou a capacidade de alterar seu ambiente. **Ex.2:** Surge ainda nessa fase o negativismo da criança;
- **O conceito da extensão do “eu”** – Entre os quatro e seis anos de idade, Allport sugere que começa esse conceito. **Ex.1:** A criança começa a formar de maneira mais clara sua auto imagem. Nessa fase da vida se reflete no comportamento possessivo e ciumento da mesma. **Ex.2:** Brinquedos, roupas, animais domésticos e os próprios pais tornam-se para a criança objetos de propriedade peculiar que não devem ser compartilhados com ninguém;
- **O conceito da formação da auto-imagem** – Esse, não se sabe exatamente como se forma no ser humano. Acredita-se, que sua auto-imagem, se forma como resultado da interação deste com o meio-social. **Ex.1:** Para a criança as pessoas do seu mundo significativo, funcionam para ela como uma espécie de espelho, ou seja, se essa pessoa passa bons conceitos de se mesma para a criança, essa vai querer agir de igual maneira, caso contrário não e vice-versa.

Estágios Sensório-Motor de 0 A 02 Anos

De acordo com Campos (1997), Jean Piaget, ao observar sua filha Luciene, com 11 meses de idade, viu no folguedo de seu bebê evidências de que “ela começa a estudar o efeito do deslocamento”, quando oculta os pés sob o cobertor, levanta-os, espreita os pequenos artelhos rosados, e logo os oculta novamente.

Por ocasião desse comportamento inteligente antes do desenvolvimento da linguagem que se inicia do nascimento até cerca de 02 anos de idade, Piaget denominou de **Estágio sensório-motor**. Durante este período, a criança formula esquemas que organizam a informação obtida através dos sentidos que desenvolvem respostas e estímulos ambientais, obviamente inteligentes. Estes esquemas sensório-motores “são raízes históricas das quais mais tarde se desenvolvem os esquemas conceituais”. (Baldwin, 1968, p. 190)

Dois princípios gerais, **Organização e Adaptação**, influenciam o desenvolvimento cognitivo através de todos os estágios e são conhecidos como **Invariantes Funcionais** porque atuam em todos os estágios.

O princípio da Organização envolve a integração de todos os processos em sistema global. Inicialmente os esquemas do bebê de olhar e agarrar são muito diferentes resultando em uma coordenação defectiva olhos-mão. Por fim ela organiza estes esquemas a fim de segurar e olhar o objeto ao mesmo tempo.

O princípio de adaptação consiste num processo duplo, através do qual as crianças criam novas estruturas para lidarem efetivamente com suas cercanias.

A adaptação envolve a **assimilação** e a **acomodação**, que são a essência do comportamento inteligente.

Na **assimilação**, ocorre a apreensão ou incorporação de um novo objeto, experiência ou conceito em um conjunto de esquemas existentes. Os bebês fazem uso de mecanismos para responder a um novo estímulo, assimilado.

Na **acomodação** acontecem as modificações das ações da criança a fim de manejar novos objetos e situações.

O estado de balanceamento que existe entre assimilação e acomodação é chamado de **Equilíbrio**; e esse estado necessário, protege a criança de ser avassalada por novas experiências, novas informações e de superar-se na tentativa de acomodar-se a um ambiente que se modifica com rapidez..

Substágios do Estágio Sensório-Motor.

Para Piaget *apud* Campos (1997), os estágios e período do desenvolvimento caracterizam as diferentes maneiras do indivíduo interagir com a realidade, ou seja, de organizar seus conhecimentos visando sua adaptação, constituindo-se na modificação progressiva dos esquemas de assimilação. Os estágios evoluem como um espiral, de modo que cada estágio engloba o anterior e o amplia. Piaget define idades para os estágios, mas sim que estes se apresentam em uma seqüência constante. O desenvolvimento da mente já teve início quando a criança nasce. O sistema nervoso e os mecanismos sensoriais estão funcionando. O desenvolvimento fisiológico antes do nascimento é claramente necessário para o desenvolvimento cognitivo que ocorrerá posteriormente.

Segundo Piaget *apud* Campos (1997, p.71 a 76), no primeiro período do Desenvolvimento cognitivo, podemos discutir 06 substágios da fase sensório-motor: Estágio 1- Uso dos reflexos (do nascimento a 01 mês): A maior parte do comportamento de recém-nascido é de natureza reflexa. O bebê consegue sugar, agarrar, chorar e dar outras respostas a nível de reflexo. Estágio 2 – Reações circulares primárias. As primeiras adaptações adquiridas (de 1 a 04 meses): Através da maturação e da interação com o meio ambiente os reflexos sensório-motores se modificam, e começam a aparecer comportamentos que não estavam presentes ao nascimento; o bebê faminto começa a diferenciar, através do seu reflexo de sucção, um bico que lhe oferece leite, de outros objetos que sua boca encontra. Começa a coordenar informações sensoriais; coordenando visão e apreensão. Estágio 3 – Reações Circulares secundárias (4 a 08 meses): Tem início a ação intencional. A criança começa a ficar interessada pelo resultado de suas ações. Continua a ocorrer novos padrões de comportamento acidentalmente durante o movimento aleatório. Já não focaliza somente seu próprio corpo, mas se interessa pelos objetos e eventos externos. Isto é desenvolvimento, é aprendizagem, é inteligência sensório-motora em funcionamento no nível mais primitivo. Estágio 4 – Coordenação de esquemas secundários e sua aplicação a novas situações (de 08 a 12 meses): Agora pode resolver problemas simples usando respostas anteriormente dominadas. Suas ações são cada vez mais orientadas para a meta. Está verdadeiramente começando o desenvolvimento do esquema de objeto permanente. Retém uma série de acontecimentos na qual sua própria ação não intervém diretamente. Estágio 5 – Reações Circulares terciárias. O descobrimento de novos meios através da experimentação ativa (de 12 a 18 meses): Este é o último estágio cognitivo que não inclui representações mentais de eventos externos, ou o que imaginamos como **pensamento**, e o primeiro que inclui a tentativa de novas atividades. A criança começa a representar internamente os objetos e acontecimentos

experimentados no seu meio ambiente. Neste momento começa a se desenvolver a capacidade de desempenhar mentalmente através da representação de seqüências de ações e tentando soluções ocultas (em sua cabeça). Assim, ao invés de ter que se empenhar num movimento do tipo tentativa e erro para encontrar soluções problemas, a criança começa a solucioná-los através de representação interna, ou pensamento. Estágio 6 – A Invenção de novos meios através de combinações (de 18 a 24 meses): Com essa nova capacidade pode se ver a criança parte diretamente para a solução de problemas que não havia enfrentado antes. Nessa fase a criança é, em muitos modos, qualitativamente diferente do bebê quanto ao seu pensamento. A maturação, as ações da criança sobre seu meio ambiente (experiência) e os processos de assimilação e acomodação estão começando a intervir trabalhos continuamente em direção a uma organização ou equilíbrio cada vez mais eficiente.

Estágio Simbólico de 02 - 04 Anos

Segundo Piaget *apud* Campos (1997, p.71 a 76), a segunda grande etapa de desenvolvimento, diz respeito à criança pequena e a idade pré-escolar. Ela se entende de um ano e meio aos sete anos. A primeira parte desse período envolve, uma larga escala, a aquisição primária da linguagem; na segunda parte se estruturam as bases do pensamento conceitual e lógico, ou seja, (na terminologia de Piaget) da inteligência operacional, que até aí permanece pré-conceitual ou pré-operatório. Os disponíveis para a manipulação mental e expressados em linguagem têm a propriedade de um preconceito. Preconceito é o intermediário entre o símbolo imaginado e o conceito propriamente dito e é definido como “... ausência de inclusão dos elementos em um todo e identificação direta dos elementos parciais entre si sem a mediação do todo.

Para Piaget *apud* Campos (1997, p.71 a 76), a criança é egocêntrica nas representações mentais, desenvolvendo a percepção centrada sem considerar o ponto de vista do outro. Pouco esforço faz em adaptar a sua linguagem às necessidades do ouvinte. Não consegue pensar sobre o seu próprio pensamento. O mecanismo de centração e a dificuldade que leva esta criança a concentrar-se num único aspecto do objeto, o que produz a distorção do raciocínio; é incapaz de considerar vários aspectos do elemento. Assimilam os aspectos aparentes que mais chamam a sua atenção.

Segundo Piaget *apud* Wadsworth (1993, p.4 a 9), nesses **Estados e transformações**, a criança se atem a um estado do objeto e não à transformação deste. Portanto o pensamento é estático e imóvel. À medida que a criança se desenvolve, os esquemas tornam-se mais diferenciados entre si, ou seja, suas estruturas se transformam, tendo alguns processos responsáveis por tais mudanças:

- **Equilíbrio:** Ausência relativa de equilíbrio entre assimilação e acomodação. A criança é mais submissa às mudanças do que controladora das mesmas. Não possui um sistema em equilíbrio com o qual possa ordenar, formar com coerência o mundo que o cerca. Sua vida cognitiva com sua vida afetiva tende a ser instável, descontínua e momentânea.
- **Ação:** a criança já representa a realidade com imagens, mas essas representações estão mais próximas das ações explícitas. Não há tentativa de esquematizar, ordenar e refazer Piaget denomina esta fase de realismo quando as coisas para a criança são aquilo que parecem ser, na percepção imediata egocêntrica.
- **Irreversibilidade:** as transformações não podem ser reversíveis. Isto é não podem a partir dela, voltar ao que era. Isto não é percebido, principalmente porque na transformação não se percebe a constância dos elementos.
- **Conceitos e raciocínios:** dificuldade de reconhecer a identidade de um objeto no decorrer de mudanças contextuais. Dificuldades de perceber elementos semelhantes pertencentes a uma classe, com suas diferenças individuais. Os pré-conceito são estes conceitos generalizados e não diferenciados.
- **Animismo e artificialismo:** em sua visão do mundo conceitos primitivos de moral e de justiça e apresenta uma imaturidade generalizada nas tentativas de enfrentar intelectualmente problemas relativos ao tempo, causalidade e espaço. Não distingue claramente a atividade lúdica e a realidade como áreas cognitivas diferentes, com regras próprias. No animismo tudo possui alma e vida.
- **Tradução:** faz implicações entre dois fatos sem ter uma relação lógica: água quente implica em barbear-se. A criança raciocina de preconceito para preconceito.
- **Justaposição e sincretismo:** Justapor é reunir partes sem articulá-los, sem relacionar parte e chegar ao todo.
- **Pensamento sincrético:** É quando a criança relaciona tudo com tudo o mais. É buscar todos, sem relacioná-los entre si e com partes.

Estágio Intuitivo de 04 - 06 Anos

Segundo Piaget *apud* Campos (1997, p.71 a 76), o estágio pré-operacional marca um salto qualitativo no pensar da criança. Os seus processos de pensamento são usados a fim de se encadearem ao real, ao presente, ao concreto. Ela pode usar símbolos para representar objetos, lugares e pessoas, sua mente pode ir acima do aqui e agora seu pensamento pode

permanecer no que poderia estar acontecendo em algum lugar no presente. Suas **características, princípio didático e níveis** apresentam-se das seguintes formas:

- Características
 - Interesse pelas coisas dos fenômenos
 - Idade dos porquês
 - Artificialismo (tudo que existe no mundo é feito pelo homem)
 - Distingue a fantasia da realidade
 - Extremamente centrada em seu próprio ponto de vista.
- Princípio Didático
 - Trabalhar com jogos brincadeira que envolvam algumas regras.
 - Explorar dramatizações, recontar histórias, descrever cenas, etc.
- Nível de Linguagem
 - Informações adaptadas.
- Nível de Organização e socialização
 - Pares fixos emprestam seus brinquedos, já conseguem distinguir o que é seu e o que é do outro.
- Nível de Representações Gráficas
 - Organiza elementos em sua totalidade. Enriquece consideravelmente seu desenho em detalhes.
 - Presença de transparências.
- Nível de Representação Corporal
 - Capacidade de reproduzir situações vividas
 - Transforma através da fantasia o mundo para satisfazer seus desejos.

Operações Concretas (7 – 11 anos)

Segundo Piaget *apud* Holanda & Bezerra (2000, p. 33 a 34), por volta dos sete anos de idade a criança típica começa a desenvolver seu pensamento operacional concreto. Não se consegue mais “enganar” a criança com problemas concretos como os de conservação, que envolve um conflito entre a lógica e a percepção. A criança na fase de operações concretas soluciona a maior parte dos problemas de conservação. Quando a criança se confronta com problemas concretos, a lógica não está mais subordinada à percepção para o julgamento. A criança na fase operacional concreta domina os problemas de classificação e seriação. Ela responde a todos os aspectos de transformações e percebe as correspondências entre os estados transformados. Reversibilidade é a capacidade de fazer o pensamento regredir ou

progredir no tempo, de reverter um pensamento. Piaget diz que esse é o aspecto mais importante que separa a criança na fase operacional concreta daquela na fase pré-operacional. O pensamento da criança é reversível. Nessa fase a criança consegue usar a lógica para chegar às soluções da maior parte dos problemas concretos. Porém ainda mais desenvolvimento está por ocorrer. A criança na fase operacional concreta tem dificuldade em aplicar a sua lógica aos problemas não concretos. Entre estes estão os problemas verbais complexos, problemas hipotéticos e problemas que lidam com o futuro. Portanto, o pensamento ainda está estreitamente ligado ao concreto e vinculado à percepção (porém não está mais dominado pela percepção). Por exemplo, a criança nessa fase consegue dar respostas logicamente “corretas” aos problemas de conservação, a qualidade de seu raciocínio está vinculada aos aspectos concretos da situação específica.

Segundo Piaget *apud* Campos (1997, p. 71 a 76), durante este período, as deficiências do período anterior são em grande parte superadas. A criança adquire o conceito de conservação ou princípio de invariância. A quantidade de água em vidros diferentes não mudam simplesmente porque a forma mudou. Se pegar uma mesma massa e transformá-la ora numa bola, ora numa salsicha, a quantidade não varia simplesmente por ter mudado a forma. Nessa fase, **suas características, princípio didático e níveis** apresentam-se das seguintes formas:

- Características

- Supera a centração em um único ponto de vista, é capaz de ver uma situação por diferentes ângulos.
- Organiza o mundo de forma lógica é capaz de ordenar elementos de acordo com suas características. Usando critérios de conjuntos.
- Capaz de concentrar-se por longos períodos e de executar tarefas que envolvam seqüência e regras.

- Princípios Didáticos

- Realização de experiências de resultados imediatos ou a longo prazo.
- Jogos mais complexos como xadrez, futebol, etc.
- Adivinhações, enigmas, charadas.

- Nível de Linguagem

- Diálogo, mantém diálogo, mas não é capaz de discutir diferentes pontos de vista.
- Nível de organização e socialização. Ex: bandos.

- Nível de Representação Gráfica

- Realismo visual. Ausência de transparências.

- Representação de profundidade.
- Nível de Representação Corporal
- Dramatização: reproduz textos e representa-os a partir de situações vividas.
- Criam histórias com enredo.

Operações Formais (12 Aos 16 Anos)

De acordo com Piaget *apud* Holanda & Bezerra (2000, p.35), o Estágio Operatório Formal, corresponde ao último período da conceituação de desenvolvimento da criança. Durante esse período a criança torna-se capaz de aplicar o pensamento lógico a todas as classes de problemas: verbais, hipotéticos, que lidam com o futuro, e assim por diante. Pode-se dizer que as estruturas para o pensamento lógico tornam-se totalmente desenvolvidas neste período. Com o desenvolvimento das operações formais, a criança torna-se capaz do pensamento mais lógico que ela poderá atingir. Não há ulteriores desenvolvimentos no que se refere a logicidade do pensamento de que a pessoa é capaz. Para evitar confusão, isto não quer dizer que o adolescente (ou adulto) sempre pensa com lógica. Significa simplesmente que a capacidade de pensamento lógico total está presente quando as operações formais se desenvolvem. Todos os pais de adolescentes sabem que eles nem sempre pensam e se comportam logicamente. Eles também sabem que não se consegue suplantar a lógica do adolescente típico quando ele quer ser lógico. Além disso, de certo modo, o fato da capacidade de pensamento lógico parar de se desenvolver por volta dos quinze anos não significa que os adultos não desenvolvam ou possam continuar a desenvolver o seu pensamento ou a mudá-lo. Notadamente, as pessoas continuam à adquirir novos conteúdos e a elaborar os antigos depois que se desenvolvem as operações formais. O que parece não melhorar é como logicamente se é capaz de lidar com aqueles conteúdos.

Segundo Piaget *apud* Campos (1997, p. 71 a 76), no estágio operacional formal, o pensamento começa a manipular idéias por intermédio de palavras, de símbolos matemáticos e de outras formas de linguagem, isto é, ocorre o desenvolvimento das operações de raciocínio abstrato. Isto ocorre porque através das operações formais o indivíduo desliga-se do conteúdo material e começa a pensar sobre as preposições ou declarações feitas a respeito desse conteúdo. Tem início os processos de pensamento hipotético-dedutivo. A novidade no nível das operações formais é que o sujeito torna-se capaz de raciocinar corretamente sobre preposições em que não acredita, ou que ainda não acredita, que ainda considera pura hipótese. É capaz de inferir as conseqüências. Paralelamente à construção das estruturas de pensamento, ocorre a formação da efetividade que, nesta fase, consiste na conquista da

personalidade e de sua participação na sociedade adulta. Suas características e níveis, apresentam-se das seguintes formas:

- Características
 - Capacidade de abstração;
 - Pensamento hipotético-dedutivo;
 - Interesse pelas transformações sociais, diálogos e cooperação.
- Nível de linguagem
 - Discussão.
- Nível de organização e socialização
 - Grupo.
- Nível de representação gráfica
 - Técnicas de desenhos: proporções, profundidades e perspectivas;
- Nível de representações corporal
 - Teatro.

Na tabela abaixo, são demonstradas de forma clara e objetiva todas as aquisições dos períodos discutidos.

De acordo com Wadsworth (1971), o plano do desenvolvimento cognitivo na visão de Piaget encontra-se da seguinte forma:

TABELA

RESUMO DOS PERÍODOS DO DESENVOLVIMENTO

PERÍODO	CARACTERÍSTICAS DO PERÍODO	PRINCIPAL MUDANÇA DO PERÍODO
Sensório-motor (0 – 2 anos) Estágio 1 (0 – 1 mês)	Somente atividade reflexa: não faz diferenciação.	O desenvolvimento morre a partir da atividade reflexa para representação e soluções sensório-motoras dos problemas.
Estágio 2 (1 – 4 meses)	Coordenação mão-boca; diferenciação vai reflexo de sucção.	
Estágio 3 (4 – 8 meses)	Coordenação mão-olhos; repete acontecimentos poucos comuns.	
Estágio 4 (8 – 12 meses)	Coordenação de dois esquemas; atinge a permanência dos objetos.	

Estágio 5 (12 – 18 meses)	Novos meios através da experimentação – segue deslocamento sequenciais.	
Estágio 6 (18 – 24 meses)	Representação interna; novos meios através de combinações mentais.	
Pré-operacional (2 – 7 anos) Estágio egocêntrico (2 – 4 anos)	Problemas solucionado através da representação – desenvolvimento da linguagem (2 – 4 anos); tanto o pensamento quanto a linguagem são egocêntricos.	O desenvolvimento a partir da representação sensório-motora para as soluções de problemas e o pensamento pré-lógico.
Estágio intuitivo (5 – 7 anos)	Não consegue resolver problemas de conservação os julgamentos são baseados na percepção e não na lógica.	
Operacional Concreto (7 – 11 anos)	Atinge a fase de reversibilidade, consegue solucionar os problemas de conservação – operações lógicas desenvolvidas e aplicadas a problemas concretos; não consegue solucionar problemas verbais complexos.	O desenvolvimento ocorre a partir do pensamento pré-lógico para as soluções lógicas de problemas concretos.
Operações formais (11 – 15 anos)	Soluciona com lógica todos os tipos de problemas – pensa cientificamente; soluciona problemas verbais complexos; as estruturas cognitivas amadurecem.	O desenvolvimento ocorre a partir de soluções lógicas para os problemas concretos, para as soluções lógicas de todas as classes de problemas.

Fonte: Adaptado de B. Wadsworth, Piaget's Theory of Cognitive Developmente (Nova York: David Mckay, 1971).

CAPITULO II

BASES DO DESENVOLVIMENTO PSICOMOTOR

2.1 Base Histórica da Psicomotricidade

De acordo com Fonseca (1995), desde Aristóteles, passando pelo cristianismo, o corpo é, de certo modo, negligenciado em função do espírito. Descartes, e toda a influência do seu pensamento na evolução visível separado do “sujeito conhecedor”.

Só em pleno século XIX o corpo começa a ser estudado, em primeiro lugar, por neurologistas, por necessidade de compreensão das estruturas cerebrais, e posteriormente por psiquiatras, para classificação de fatores patológicos.

Krishaber, Von Monakow, Bonnier, Mayer Gross, Wier-Mitchell, Wernicke, Foerster, Peisse, Head, Leipmann, H. Jackson, Gertsman, Babinski, Lhermitte, Lunn, Meerovitch, Schilder, Nielsen, etc. e tantos outros, são alguns dos pioneiros no campo neurológico, psiquiátrico e neuropsiquiátrico a conferirem ao corpo significações psicológicas superiores, quer no âmbito do estudo das assimetognosias, quer ainda das anosognosias, apraxias ideatórias, ideomotoras, construtivas, apractognosias, etc.

No campo patológico, parece dever-se a Dupré, 1909, o termo “psicomotricidade”, quando introduz os primeiros estudos sobre a debilidade motora nos débeis mentais (*La debilité motrice dans ces rapports avec la débilité mentale e pathologie de l'imagination et de l'émotivité*).

Para Fonseca (1995), Henri Wallon é, provavelmente, o grande pioneiro da psicomotricidade, vista como campo científico. Em 1925, ao publicar *L'Enfant, Turbulent* e, em 1934, *Lês Origines du Caractère Chez l'Enfant*, Wallon inicia uma das obras mais relevantes no campo do desenvolvimento psicológico da criança.

Médico, psicólogo e pedagogo, impulsiona as primeiras tentativas de estudo da reeducação psicomotora, de onde sobressai Guilmain, que em 1935, publica uma obra clássica de grande impacto: *Fonctions Psychomotrices et Troubles du Comportement*.

A sua concepção de testes, os tipos de ação reeducativa e as primeiras orientações metodológicas sobre reeducação psicomotora nascem de um efeito estimulador da grande obra de Wallon.

Guilman definiu da seguinte forma os objetivos da reeducação psicomotora: “Seguindo todas as crianças a organização das funções do sistema nervoso à medida que se opera a maturação, podemos reabilitar as manifestações próprias das suas funções em causa”.

O papel da função tônica (sobre a qual repousam as atitudes e os alicerces da vida normal) e da emoção (como meio de ação sobre o e pelo outro) nos progressos da atividade de relação, são encarados, de acordo com Wallon, como processos básicos da intervenção psicomotora. A importância da atividade postural e da atividade sensório-motora com pontos de partida da atividade intelectual são eminentemente defendidos na perspectiva do desenvolvimento da criança com os célebres estádios wallonianos: impulso, tônico-emocional, sensório-motor, projetivo e personalístico. Os estudos clínicos sobre a síndrome psicomotora: infantilismo motor, assinergia, extrapiramidal inferior, extrapiramidal médio, extrapiramidal superior, cerebeloso, hipertonia, automatismo emotivo-motor e de insuficiência frontal, são outro avanço significativo no estudo das relações entre a psicomotricidade, a inteligência, a afetividade e a sociabilidade, como sublinha parte da obra de Ajuaguerra.

A obra de Wallon continuou durante décadas a influenciar a investigação sobre crianças instáveis, impulsivas, emotivas, obsessivas, apáticas, delinquentes, etc. A influência da sua obra alastrou-se a vários campos de formação, quer psiquiátrica, quer psicológica e pedagógica. Correntes médico-pedagógicas (Descoedres) e de educação física (Demeny, Hébert, Dalcroze, (...)) são igualmente influenciadas pelo pensamento original de Wallon, sendo o principal responsável pelo nascimento do movimento de reeducação psicomotora, superiormente conduzido, anos mais tarde, pela mão de Ajuaguerra e Soubiran.

Independentemente de Wallon ter defendido, de acordo com o conhecimento neurológico da época, uma perspectiva localizacionista e Gourevitch, ao mesmo tempo que tendem a perspectivar, sobretudo, uma nova visão da psicologia da criança (Do ato ao pensamento).

Para Wallon (1979), o movimento é a única expressão e o primeiro instrumento do psiquismo. O alcance desta dimensão do movimento e do corpo da criança permitiu a este célebre autor francês apresentar uma concepção original da evolução mental. Em 1929, Wallon advoga, que o desenvolvimento psicológico da criança é o resultado da oposição e substituição de atividades que precedem umas às outras. Esta concepção hierárquica e dialética é amplamente defendida por muitos autores atuais em vários quadrantes do mundo (Ausubel, 1970; Bruner, 1970; Zaporozhets e Elkonin, 1971; Erikson, 1963).

Wallon, ao longo da sua obra, esforçou-se por demonstrar a ação recíproca entre funções mentais e funções motoras (“habilidade manual”), tentando argumentar que a vida

mental não resulta de relações unívocas ou de determinismos mecanicistas. Quando muito, para Wallon, a vida mental está sujeita, sim, mas ao determinismo dialético de ambas as funções.

De acordo com Fonseca (1995), nos anos 60, a Universidade da Salpêtrière confere o certificado de capacidade em reeducação da psicomotricidade (Fevereiro de 1963), de novo sob a ação científica de Wallon, que cria a importante revista psicológica *Enfance*, onde faz publicar obras de grande relevo científico (“*Kinesthésie e Image Visuelle de Corps Propre*”, “*Espace Postural e Espace Environnant*”).

Citando os neurologistas Rybot, Bonnier, Pick, Head, Schilder, Wallon, através do conceito do esquema corporal, introduz, provavelmente, dados neurológicos nas suas concepções psicológicas, motivo esse que o distingue de outro grande vulto da psicologia, Piaget, que muito influenciou também a teoria e prática da psicomotricidade (Fonseca, 1978).

Wallon refere-se ao esquema corporal não como uma unidade biológica ou psíquica, mas como uma construção, elementos de base para o desenvolvimento da personalidade da criança.

De novo a influência direta ou indireta deste autor se faz sentir; resultando, na década de 70, nos trabalhos na esfera da educação de Picq e Vayer, le Boulch, Lapiere e Auciuturier, Defontaine. Paralelamente, estimula os trabalhos psicológicos da escola de Zazzo (Laboratório de Psicologia da Criança), principalmente sobre as pesquisas da imagem especular. Os seus conceitos são reexaminados por Ajuriaguerra, Stambak, N. Galifret-Granjon e Bergés no Hospital Henri-Rousselle, aí tendo marcado influência na formação de terapeutas, além de ter tido implicações extraordinárias em outras áreas, nomeadamente na da pedopsiquiatria (Bergeron, Heuyer, Koupernik) e na da psicologia do desenvolvimento (Malrieu, Lurçat, Lezine, Tran-Thong).

Depois de sair do Hospital Henro-Rousselle, Ajuriaguerra, ao dirigir a clínica Bel-Aire, em Genebra, continua a ser o líder da escola francófona de psicomotricidade. Aí desenvolve intensa atividade científica, prosseguindo e continuando a obra de Wallon. Ao publicar trabalhos sobre o tônus e ao desenvolver métodos de relaxamento, além de se tornar um notável psiquiatra infantil de renome mundial, Ajuriaguerra vai consolidando os princípios e as bases da psicomotricidade. Com Hécaen publica obras de grande profundidade científica (*Méconnaissances e Hallucinations Corporelles* e *Le Cortez Cerebral*), que ajudam a aclarar o conceito de psicomotricidade.

Ainda Fonseca (1995), no campo educacional, Le Boulch (psicocinética) e Ramian (educação das atitudes) divulgam as obras de Wallon e Ajuriaguerra. No campo terapêutico, Soubiran e Mazo desenvolvem pesquisas em muitos domínios lançados por aqueles pioneiros.

A Sociedade Francesa de Educação e Reeducação Psicomotora, criada em 1968 por Vayer, Lapiere e Aucoutrier, transforma os conceitos de “ginástica corretiva” e influencia a maioria das escolas francesas, belgas, suíças e italianas. Na mesma época, surgem os métodos de Borel-Mausonny e o “Bom Départ”, que igualmente sofrem a sua evolução.

De acordo com Le Camus (1986), Wallon, como pai das “técnicas do corpo”, continua a influenciar o pensamento psicológico da década de 70. Os estudos da comunicação afetiva, da sociabilização, das emoções, etc., estão dentro das linhas por ele traçadas. Wallon é, de fato, a pedra angular do edifício das psicomotricidade, onde não se pode negligenciar obviamente o papel das obras de Piaget, Freud e de Ajuriaguerra.

A fecundidade do pensamento de Wallon continua em permanente atualização, uma vez que perspectiva o estudo da criança na sua totalidade e renuncia às abordagens unidimensionais ou setoriais.

De acordo com Fonseca (1995), a psicomotricidade, à luz de Wallon e de Ajuriaguerra, concebe os determinantes biológicos e culturais do desenvolvimento da criança como dialéticos e não como redutíveis uns aos outros. Daí a sua importância para elaborar uma teoria psicológica que estabeleça relações entre o comportamento e o desenvolvimento da criança e a maturação do seu sistema nervoso, pois só nessa medida se podem construir estratégias educativas, terapêuticas e reabilitativas adequadas às suas necessidades específicas.

O conceito de psicomotricidade ganhou assim uma expressão significativa, uma vez que traduz a solidariedade profunda e original entre a atividade psíquica e a atividade motora. O movimento é equacionado como parte integrante do comportamento. A psicomotricidade é hoje concebida como a integração superior da motricidade, produto de uma relação inteligível entre a criança e o meio, e instrumento privilegiado através do qual a consciência se forma e materializa-se.

Segundo Fonseca (1995), a Psicomotricidade hoje, como ciência da educação visa a representação e a expressão motora, através da utilização psíquica e mental do indivíduo. Segundo Loureiro “é a neuro-ciência dos anos 90 que estuda a interação equilibrada dos aspectos neuromaturacionais: cognitivo-afetivo-motor, na otimização corporal”.

Psicomotricidade hoje deixou de ser usada isoladamente, foi enriquecido com os estudos de outras áreas numa rede interdisciplinar, incluindo os profissionais da educação. A escola ainda mantém o carácter mecanicista instalado na Educação Infantil ignorando a psicomotricidade nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

Nesse sentido os referenciais curriculares da atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira - LDB, já salientam a compreensão por parte dos educadores, da

importância do desenvolvimento de uma motricidade global harmoniosa até as séries iniciais do ensino fundamental. E na Educação Infantil a prioridade deve ser ajuda as crianças a terem a percepção adequada de si mesmas, compreendendo suas possibilidades e limitações reais e ao mesmo tempo, auxiliá-las a se expressarem corporalmente com maior liberdade, conquistando e aperfeiçoando novas competências motoras.

Ainda Fonseca (1995), a pedagogia do não movimento faz parte das práticas pedagógicas até nossos dias, dando idéias de que o movimento impede a atenção e atrapalha o processo da aprendizagem. O movimento até então só é permitida no recreio em contrapartida aos períodos de contenção impostos nas atividades pedagógicas, sendo que a explosão motora com impulsividade e turbulência, seja visto como indisciplina e algo a ser controlado e proibido.

Cabe ao professor hoje refletir sobre o tempo em que a criança é obrigada a uma contenção motora exigida em determinadas atividades (permanecer sentados e quietos) e repensar o espaço da sala de aula, verificando se há possibilidades de explorações motoras e materiais, que organizem a motricidade dos alunos.

Enfim, trazer atividades corporais para além da sala de aula, propiciando as experiências que favorecerão a motricidade fina, auxiliariam os alunos de ritmo normal e de aprendizagem lenta a vencerem melhor os desafios da leitura e escrita.

De acordo com Ferreira (2000) a Educação psicomotora nas escolas visa:

- Desenvolver uma postura correta frente a aprendizagem de caráter preventivo do desenvolvimento integral do individuo nas várias etapas de crescimento.
- Ajudar a criança a adquirir o estagio de perfeição motora até o final da infância (7 a 11 anos), nos seus aspectos neurológicos de maturação, nos planos rítmico e espacial, no plano da palavra e no plano corporal.

Através da Psicomotricidade e dos órgãos dos sentidos a criança descobre o mundo e se auto descobre.

Os princípios do Ritmo – Tônus – Dinâmica Corporal, obedecem as leis:

- Céfalo-caudal;
- Próximo-distal.

O equilíbrio dos opostos será a Psicomotricidade.

Fatores Psicomotores e as Atividades a serem Trabalhadas na Educação Psicomotora, segundo Luria e Costallat:

1. Atividade Tônica

- Tonicidade;

- Equilíbrio.

2. Atividade Psicofuncional

- Lateralidade;
- Noção do corpo;
- Estruturação espaço-temporal.

3. Atividade de Relação

- Memória corporal.

Psicomotricidade e Conteúdos a serem trabalhados pela escola:

1. Esquema Corporal

- Mãos;
- Pés;
- Tronco;
- Imagem total no espelho;
- Noção de dentro-recheamento do esquema corporal.

Segundo Wallon, “o esquema corporal é um elemento básico indispensável para a formação da personalidade da criança. É a representação relativamente global, científica e diferenciada que a criança tem de seu próprio corpo”.

A criança se sentirá bem na medida em que seu corpo lhe obedece, em que o conhece bem, em que pode utilizá-lo não somente para movimentar-se, mas também agir. Ela precisará ter domínio corporal, conhecimento corporal para agir, fazer suas descobertas, localizar objetos, pessoas e fazer relações entre elas.

Etapas do Desenvolvimento Corporal

Primeira Etapa:

- Corpo vivido (até 3 anos de idade).

Segunda Etapa:

- Corpo percebido ou descoberto (3 a 7 anos).

Terceira Etapa

- Corpo representado (7 a 12 anos).

Estas etapas exigem atividades específicas para que a criança tenha:

- Conhecimento das partes do seu corpo;
- Orientação espaço-corporal;
- Organização espaço-corporal.

Perturbações do Esquema Corporal

Segundo De Meüer (1989), excetuando-se os casos referentes a problemas motores ou intelectuais, todas as perturbações do esquema corporal são de origem afetiva.

As crianças que não têm consciência de seu próprio corpo, podem experimentar algumas dificuldades, como insuficiência de percepção ou controle de seu corpo, dificuldades de equilíbrio e de coordenação. Para elas a representação e nomenclatura das diferentes partes do corpo são muitas vezes difíceis, não localizam ou confundem as partes.

Não percebem a posição de seus membros e conseqüentemente seu desenho da figura humana torna-se pobre.

Apresentam dificuldades sem e locomover e situam-se em um tempo, pois o esquema corporal está intimamente ligado à orientação espaço-temporal. Ela, às vezes, conseguem realizar alguns movimentos, mas como não planejam seus gestos ao agir, gastam tanto esforço, que logo acabam desestimulando-se.

Outro sintoma de esquema corporal mal estabelecido pode ser visto quando a criança se confunde em relação às diversas coordenadas de espaço, como em cima, embaixo, ao lado, linhas horizontais, verticais e também não adquire o sentido de direção, devido a confusões entre direita e esquerda.

Uma perturbação do esquema corporal, portanto, pode levar a uma impossibilidade de adquirirem os esquemas dinâmicos, que correspondem ao hábito visomotor e interferindo na leitura e escrita. Na escrita não dispõem bem e nem obedecem aos limites da folha. Esta falta de conhecimento de seu papel no mundo, pode levar a uma dificuldade de contato com as pessoas que a rodeiam, leva a um mau desenvolvimento da linguagem.

1. Lateralidade

- Noção de dominância lateral: a noção dos membros inferiores, superiores e dos olhos.
- Diferença entre lateralidade e o conhecimento esquerda-direita.

As perturbações das lateralizações aparecem quando uma pessoa apresenta uma lateralidade cruzada ou é mal lateralizada, apresentando dificuldades em aprender a direção gráfica, os conceitos esquerda e direita.

A lateralidade é importante porque permite à criança fazer uma relação entre as coisas e pessoas. Quando isto não se desenvolve harmonicamente, a criança apresenta comprometimentos na leitura e escrita, ou o ritmo de aprendizagem pode ser mais lenta. A escrita torna-se às vezes ilegível e espelhada.

1. Estruturação espacial:

- Orientação espacial;
- Organização espacial;
- Compreensão das relações espaciais.

De acordo com De Meüer (1989), a estruturação espacial é essencial para que vivamos em sociedade. É através do espaço e das relações espaciais que nos situamos no meio em que vivemos. Muitas das atividades realizadas em sala de aula, como a escrita, dependem da manipulação das relações espaciais entre os objetos.

As dificuldades na estruturação espacial podem advir de uma má integração de orientação espacial. As crianças se vêem impedidas e sem oportunidades no lar e na escola, de manipularem diferentes objetos. Na escrita não respeitam direções, na leitura chegam a saltar linhas. Na matemática apresentam dificuldades em organizar seus números e para compreender as relações espaciais, pois os mesmos envolvem raciocínio e um trabalho mental mais elaborado.

1. Orientação temporal

- A maneira onde a criança se situa em relação ao tempo.

Etapas:

- Primeira: ordem e sucessão;
- Segunda: duração dos intervalos;
- Terceira: renovação cíclica de certos períodos;
- Quarta: ritmo (abrange a noção de ordem, de sucessão, de duração, de alternância).

Ainda De Meüer (1989), a idéia de espaço e tempo são indissociáveis. As noções de corpo, espaço e tempo têm que estar intimamente ligadas.

Da mesma forma que a palavra escrita pressupõe uma orientação no papel, através das linhas e do espaço próprio para ela, a palavra falada exige que se emitam palavras de uma forma ordenada e sucessiva, obedecendo um certo ritmo e dentro de um tempo determinado.

A leitura exige uma percepção temporal, domínio do ritmo, sucessão de sons no tempo, uma memória auditiva, uma diferenciação de sons, um reconhecimento das frequências e das durações dos sons e das palavras.

Uma criança com dificuldades de orientação temporal pode não perceber os intervalos de tempo, os espaços entre as palavras, mistura os fatos, pode apresentar confusão na ordenação e sucessão dos elementos de uma sílaba e das fileiras e colunas de matemática.

2. Pré-escrita

- Noção espacial gráfica;
- A qualidade do desenho;
- Aspectos grafomotores;
- Motricidade digital;
- Coordenação viso-motora;
- Grafismo.

A escrita pressupõe um desenvolvimento motor adequado, coordenação fina, precisão correta do lápis, bom esquema corporal, boa coordenação óculo-manual, tonicidade adequada, maior capacidade de inibição voluntária.

Dominando o movimento, a criança torna-se criativa, expressando-se corporalmente. Se o corpo é reprimido, o movimento pode não ser livre e as lacunas deixadas pela ausência do trabalho corporal com crianças, trazem seqüelas de difícil recuperação, comprometendo a aprendizagem da leitura e da escrita.

De acordo com Vayer (1984), complementando este estudo de aquisições de habilidades psicomotoras adquiridos pela criança de 3 a 12 anos, será demonstrado de forma simplificada na tabela abaixo.

TABELA

HABILIDADES PSICOMOTORAS – PRINCIPAIS CONHECIMENTOS E AQUISIÇÕES

Habilidades	Coordenação e Equilíbrio	Esquema Corporal	Lateralidade	Estruturação do Espacial	Estruturação Temporal
Até 3 anos	A criança sobe e desce escadas, alternando os pés. Ela é capaz de parar um gesto rápido. Consegue andar por obstáculos.	Conhecimento das partes do corpo; mãos, pés, nariz, cabelos, orelhas, olhos, boca, braços, língua, pernas, cabeça, barriga. A criança representa seu corpo por Le Bonhome rudimentar.	Não se pode ainda falar em dominância: a criança se utiliza ora da mão ou pé direito ora do esquerdo. Dominância ocular fixa.	Frente, atrás, sobre, sob, dentro, fora, grande, pequeno, no alto, embaixo (em relação a si mesmo).	Agora, de pressa, rápido, lentamente, hoje, amanhã, pára, espera
4 anos	A criança pode ficar sobre um pé só durante alguns segundos. Pode saltar a uma distância de 2m e uma altura de 1cm com o pé dominante.	Dentes, ombros, costas, joelho, unhas, umbigo, pescoço. 4 anos e meio: começa a aparecer um corpo mais correto.	Continua a experienciar dos dois lados do corpo.	Ao lado, longe, em torno de, perto, em redor de, médio, deitar, de pé, redondo, quadrado, pouco, muito, progressão de tamanho.	Noite, dia, mais velho, antes, depois, maior, manhã, tarde, sua idade, reprodução de estruturas rítmicas de 2 ou 3 movimentos.
5 anos	A criança tem condições de executar exercícios simples de dissociação de movimentos. Os exercícios de coordenação global vão poder ser realizados por imitação de forma mais ou menos correta.	Lábios, queixo, peito, bochecha, testa. 5 anos e meio: desenho dinâmico; começam os detalhes das roupas.	Instabilidade no domínio manual.	Em frente, em toda parte, direito, inteiro, retângulo, entrar, sair, voltar.	Estações do ano; seqüência lógica do tempo, num nível mais elementar; noções de 1º e último; noções de ordem e sucessão.

6 anos	A criança pode se tornar imóvel, com os 2 olhos fechados, durante 10 segundos.	Cotovelos.	Domínio manual mais estável, início do reconhecimento de D. e E., em si mesma.	Grosso, fino, metade, ao meio, subir, descer, rolar, junto, só, estruturas espaciais.	Dias da semana e mês.
7 anos	Relaxamento: a criança torna consciência de seu corpo, do relaxamento de alguma parte.	Sobrancelhas, palma das mãos.	Reconhecimento D. e E., em outra pessoa colocada na mesma orientação que ela.	Dobrar, puxar, empurrar, erguer.	Habilidade com os dias da semana, meses do ano, utilização do calendário.
8 anos		Fronte, nuca, cílios. Aparece o desenho de perfil.	Reversibilidade e no reconhecimento de D. e E., no outro, face a face.	Longo, curto.	Horas no relógio, ano em que está, reprodução da data.
9 anos	As sincinesias de imitação tendem a desaparecer.	Punho, pulso, antebraço, polegar. Aparecem melhores proporções corporais.	Reconhecimento de D. e E., em figuras esquematizadas.	Largo, estreito, oblíquo, delgado, espesso, noção de perspectiva.	Regularidade do tempo, reprodução de estruturas rítmicas de 6 golpes.
10 anos	As coordenações do corpo-espaco e tempo estão associadas e permitem práticas esportivas que exigem trabalho de equipe.	Pupila, ventre, barriga da perna, tronco, pálpebras.	Dominância, lateral mais pronunciada. Orientação D – E em relação a um plano.		A criança é capaz de chegar a um tempo impessoal, a um tempo que não é dele. Ex.: homem das cavernas. Distingue a diferença entre o passado imediato, o antigo, o histórico e o passado pessoal.

11 anos	As sincinesias devem ter desaparecido nesta idade.	Narinas, quadril, tronco, ventre, pupila, tornozelo.	Reconhecimen to da disposição de 3 objetos.		Estima a duração de uma conversa.
12 anos		Têmpera, axilas. Introdução de fatores sociais.	Consolidação da organização D. e E. dos objetos.		Visão mais ou menos realista de seu futuro, suas esperanças, suas lembranças. Trabalha conceitos passados e futuros.

2.2 Processo Saudável do Desenvolvimento Psicomotor Infantil

De acordo com Sousa (2004), o desenvolvimento é uma conquista crescente. É no lar que se iniciam a vida da criança e o aprendizado do mundo, juntamente com a consciência de si mesma como pessoa autônoma, livre, responsável. O processo de crescer não existe sem conflitos e crises. A satisfação e a insatisfação, o prazer e o desprazer são inerentes à condição humana. O bebê, desde o nascimento, entra em relação afetiva com seus pais e vai fazendo a descoberta de suas capacidades motoras, sensoriais e intelectuais, construindo, aos poucos, a sua identidade. Ele vivencia a satisfação de suas necessidades e desejos e, ao mesmo tempo, convive com frustrações de desejos irrealizáveis. Encontra estímulos e apoio ou, ao contrário, obstáculos aos seus desejos. Vai se sentir pleno e cheio de amor ou vazio, expressando, através do choro e agitação motora, a raiva que sente por não ser satisfeito. São momentos bons e agradáveis, como também instantes desagradáveis e de sofrimento. Passa de um momento para outro sem ter consciência do que ocorre. O bebê não tem consciência de sua dimensão histórica nem percebe conscientemente a si mesmo, as outras pessoas e o espaço que ocupa. Vive a simbiose com sua mãe ou com o adulto substituto (Cabral, 2000).

Como nos diz Dolto apud Sousa (2004), com o desmame, o bebê passa por nova prova de castração simbologênica, distanciando-se do corpo-a-corpo, construindo sua imagem inconsciente do corpo e vivendo sua relação com a mãe, num diálogo de percepções sutis que expressam o coração a coração entre mãe e bebê. A presença da mãe ou da substituta também se fará notar através da rotina dos cuidados diários. Até o oitavo mês, entretanto, a não-proximidade é vivida como um desaparecimento total. Se ele não vê a mãe ou não a sente por perto, é como se ela sumisse e não pudesse voltar mais, o que provoca medo e angústia.

Como diz Kestemberg apud Sousa (2004), só no final do primeiro ano, o bebê faz a descoberta da permanência do objeto de amor e também dos objetos que ele explora no mundo. Inicia, paralelamente, a descoberta de si mesmo como sujeito. Começa a ter confiança em sua mãe ou substituta, e sua ausência passa a ser suportada com menor angústia. Nesse momento, ele já se locomove, pode procurar e acercar-se de sua mãe quando desejar. Nessa fase, são muitos comuns os jogos de esconde-esconde, em que a criança brinca de aparecimento/desaparecimento, elaborando, assim, sua angústia.

Percebe-se a si mesma, cognitivamente, descobrindo seu próprio corpo, suas possibilidades de movimento e ação. Diferencia suas sensações internas dos estímulos externos. Essas primeiras estruturas cognitivas permitem as experiências intelectuais do bebê. Ele age, experimenta, explora, para conhecer o sentido dos objetos e acontecimentos e para se dar conta de suas próprias possibilidades de atuação.

Conforme Cabral apud Sousa (2004), nos fala que o bebê, como pré-sujeito na relação com a mãe e o mundo, compreende, reconhece e organiza os objetos, o espaço e o tempo, e intui as leis de casualidade, que regem os acontecimentos, numa óptica ainda mágica e egocêntrica. Movido pela energia vital efetiva, ele age intencionalmente na conquista de si, do mundo e das relações afetivas e sociais.

As percepções desenvolvem-se com a experiência e com a crescente maturidade das suas células nervosas, sensoriais, motrizes e conectivas. O bebê constrói o sentido de aqui e além, de perto e de longe, de parede e de canto, de dentro e de fora de casa, através de sua locomoção infatigável, engatinhando, andando e correndo. Ele vai dominando esses elementos, através da vivência de situações.

Na faixa de 2 a 3 anos, perde os prazeres regressivos dos cuidados de maternagem, mas conquista sua autonomia, prosseguindo seu processo de individuação, elaborando sua angústia de separação da mãe. A experiência do espelho, o reconhecimento de seu rosto e de sua imagem especular vinculado aos eu nome, com a identidade que lhe é outorgada por seu semelhante, lhe permitem ascender à sua identidade de pessoa.

Ainda Cabral apud Sousa (2004), diz que esta é uma fase de conquistas; aquisição tônico-motora e perceptiva que ajuda a criança a agir de modo mais eficaz e consciente, estruturando o mundo próximo e a si mesma como pessoa, seu esquema corporal e seu Eu. É a aquisição cognitiva da dimensão simbólica, da linguagem e do pensamento, a vitória afetiva, uma vez que evolui em suas relações de amor e se torna cada vez mais sujeito de seu desejo e de sua ação e começa a introjetar as interdições e leis do convívio social e interpessoal.

De acordo com Sousa (2004), a criança se torna uma verdadeira exploradora do espaço e do ambiente. Sua atividade motora mostra a busca de afirmação e autonomia. Sua marcha já

está bem automatizada e é utilizada para se projetar no mundo, portanto, necessita de espaços mais amplos e protegidos. Seus movimentos finos apresentam controles mais precisos. Descobre que pode fazer coisas e também construir. Uma nova dimensão surge em sua ação. É a possibilidade de representação mental, originada da imitação de ações que se internalizam, que permitem à criança imaginar e pensar algo, evocar e antecipar.

Quando a criança aceita o mundo simbólico e busca afirmar sua identidade, começa a viver uma crise que é a fase do não e do “eu sozinha (...)” é a fase das brigas que, aos poucos, vão sendo substituídas pelas verbalizações de afirmação de si mesma, sem necessidade da descarga motora (op. cit.).

O período de mais ou menos 3 a 6 anos inicia uma verdadeira reconstrução do mundo. A criança passa do conhecimento prático, sensório-motor, para o pensamento e a organização de um universo representativo. Sua linguagem evolui, a representação mental a conduz a integrar seu esquema corporal e a objetivar o espaço e o tempo, estruturando-se o mundo representativo. Sua movimentação revela progressos na precisão, coordenação e dissociação de movimentos. Seu equilíbrio lhe permite agir de modo mais intencional. Sua coordenação fina é crescente. Começa a segurar o lápis com os dedos e dissocia os movimentos do pulso. Indica a afirmar sua lateralidade, percebendo a simetria em relação ao eixo corporal. Parte para compreender que existe um lado direito e outro esquerdo e, por volta dos 6 anos, já se orienta bem em relação ao seu corpo.

Tempo, espaço, número, forma, textura, cor e causalidade são os elementos principais do mundo das coisas que a criança tem de encontrar por si. Ela adquire o domínio desses elementos por graus demorados, primeiro através de seus músculos, de manuseamento e locomoção, pelos olhos, mãos e pés. Ela não consegue chegar, sequer, a contar até três, enquanto não tiver aprendido a agarrar e largar objetos, um a um, como os olhos e os dedos. O domínio da forma surge, analogamente, através de pesquisas e explorações motoras.

Ainda Sousa (2004), o desenvolvimento psicomotor elabora-se desde o nascimento e progride lentamente de acordo com a vivência e oportunidade que a criança possui em explorar o mundo que a rodeia.

Segundo Le Boulch apud Sousa (2004), o ser humano passa por três etapas sem eu desenvolvimento psicomotor, as quais apresentamos abaixo. É importante ressaltar que cada etapa possui aprendizagens próprias, em razão da evolução da maturação da criança e sua idade cronológica.

1. 1ª. Etapa – Corpo Vivido (até 3 anos de idade)

Ao nascer e até mais ou menos 3 meses de idade, a criança apresenta uma motricidade reflexa e, pouco a pouco, vai inibindo seus reflexos arcaicos. Um bebê, à medida que cresce,

mediante um maior amadurecimento do seu sistema nervoso, vai ampliando suas experiências e manipulando seu espaço.

Esta fase corresponde à fase da inteligência sensório-motora de Piaget. É a fase a que chamamos vivência corporal. Sua atividade é incessante e espontânea. A criança aprende a manipular objetos e a andar. Nesta fase, os elementos psicomotores e cognitivos caminham lado a lado, já que um depende do outro. É a fase do conhecimento das partes do corpo.

Pouco a pouco, a maturação da preensão e da oculomotricidade vai facilitar um maior domínio sobre o objeto e a criança coordenará melhor seus movimentos.

Ela se movimenta, mas sem analisar este movimento. Utiliza-se bastante da imitação para se mover corretamente em seu meio ambiente e é pela prática pessoal, pela exploração que se ajusta, domina, descobre e compreende o meio, coordenando suas ações. Este ajuste significa que a criança, mesmo sem a interferência da reflexão, adapta suas ações às situações novas, isto é, desenvolve uma das funções mais importantes que é a função de ajustamento.

Valendo-se da memória do corpo ela atinge a eficácia dos ajustamentos posteriores.

No final desta fase pode-se falar em imagem de corpo, pois o “eu” se torna unificado e individualizado.

2. 2ª. Etapa – Corpo Percebido ou “Descoberto” (3 a 7 anos)

O ajustamento espontâneo da primeira fase transforma-se em um ajustamento mais controlado, embora a dissociação gestual ainda não seja boa. Isto quer dizer que a criança passa a ter um maior domínio sobre o corpo. Ela aperfeiçoa e refina os movimentos adquirindo uma maior coordenação dentro de um espaço e tempo determinados. Ela tem, portanto, um maior controle do próprio corpo.

A criança consegue ajustar suas ações às situações e aos objetos, como, por exemplo, quando pega objetos pesados ou leves, ela regula a força necessária para cada um deles. A criança também desenvolve uma percepção mais centrada sem eu próprio corpo por meio da maturação da função de interiorização, discutida por Le Boulch (1984, p. 16).

A denominação das partes do corpo favorece a tomada de consciência que envolve uma percepção de si mais acurada. Esta denominação é, pois, uma etapa importante na representação mental do corpo. É também nesta etapa que a criança vai representar-se por intermédio do desenho.

A criança não conhece somente as partes de seu corpo, mas também chega à orientação corporal pela tomada de posição do corpo, associando-o aos objetos da vida cotidiana. Isso possibilita a distinção das diversas orientações no espaço como, por exemplo, a percepção da orientação das letras e palavras na escola.

Segundo Oliveira apud Sousa (2004), ela chega à representação mental dos elementos do espaço. É nesta fase que a dominância lateral se instala e com ela descobre seu eixo corporal. Passa a ver seu corpo como um ponto de referência para se situar e situar os objetos em seu espaço e tempo. Este é o primeiro passo para que a criança possa, mais tarde, chegar à estruturação espaço-temporal.

Por meio de seu eixo corporal a criança chega à representação e à assimilação de conceitos tais como embaixo, acima, direita, esquerda. Ela adquire também noções temporais como a duração dos intervalos de tempo, de ordem e sucessão, isto é, o que vem antes, depois, primeiro, último, os dias da semana.

Estes conceitos ainda estão muito centrados no próprio corpo. No final desta fase - diz Le Boulch, citando Ajuriaguerra – o nível do comportamento motor, bem como o nível intelectual, pode ser caracterizado como pré-operatório.

3. 3ª. Etapa – Corpo Representado (7 a 12 anos)

Nesta etapa a criança chega a um espaço representativo. Ela amplia e organiza seu esquema corporal.

Na etapa anterior ela conhecia o ambiente por meio da percepção do próprio corpo. Nesta fase ela não mais se centraliza, mas evolui para a descentralização, para a representação mental de um espaço orientado que não toma mais somente seu corpo como ponto de referência, mas utiliza outros pontos de referências exteriores a ela. Podem-se citar como exemplo as noções de direita e esquerda. Anteriormente ela conhecia esses conceitos somente em função de seu corpo. Com 8 e 9 anos ela já consegue distinguir essas noções em reversibilidade, isto é, face a face.

A partir de 10 anos a criança dispõe de uma imagem mental do corpo em movimento, significando que atingiu “uma representação mental de uma sucessão motora”, com a introdução do fator temporal (Le Bouch, 1982). Ela adquire a noção de conservação das orientações de espaço e orientação temporal.

Sua idade psicomotora será:

- Coordenação e equilíbrio: 3 a 4 anos – etapa de reorganização de corpo vivido;
- Esquema corporal: 5 a 6 anos – etapa dos indícios de presença de corpo percebido;
- Lateralidade: 5 a 6 anos – etapa dos indícios de presença de corpo percebido;
- Orientação espacial: 8 a 9 anos – etapa da reorganização do corpo percebido;
- Orientação temporal: 7 anos – etapa de corpo percebido.

Podemos concluir que somente em orientação espacial ela se encontra com a idade psicomotora de acordo com a cronológica. Estes resultados são, portanto, bastante esclarecedores e indicativos para o planejamento de atividades de reeducação.

Complementado estes dados apresentamos nos anexos uma tabela das principais aquisições da criança em cada idade.

De acordo com Sousa (2004), Piaget definiu o desenvolvimento como um continuum ao longo da vida, do nascimento até a morte, e definiu as mudanças e a aquisição do conhecimento como algo gradual. Para ele, o crescimento cognitivo e o desenvolvimento intelectual são distribuídos em quatro estádios: sensório-motor, pré-operatório, operatório concreto e operatória formal.

O período sensório-motor vai de 0 aos 2 anos de idade, desde os primeiros reflexos até o início das representações mentais. Aí, já existe clara diferenciação entre o eu/mundo, e é possível representar a si mesma e aos objetos, mentalmente. As estruturas cognitivas evoluem de simples esquemas reflexos para esquemas de ação e, através da assimilação e acomodação, acontecem ações cada vez mais inteligentes, capazes de transformar o mundo. Nos primeiros momentos desse período, não se pode falar que haja uma inteligência propriamente dita, mas, mesmo aí, as variantes funcionais de assimilação e acomodação já começam a atuar e se diferenciar, promovendo adaptações novas que ultrapassam o pólo puramente orgânico.

Ainda Sousa (2004), a criança conhece o mundo apenas quanto ao que age, sem a noção de permanência do espaço, quando a ação ou objeto saem de seu campo de visão. À medida que vivencia, adquire esse noção de permanência do espaço e do objeto, tão importantes para as aquisições psicomotoras, assimilando muitas situações e acomodando-as pouco a pouco, mas ainda de forma isolada.

De acordo com Piaget apud Sousa (2004), o pré-operatório, entre 2 a 6/7 anos, é marcado pelo aparecimento da linguagem oral, que permite a simbolização e a representação do pensamento. A tarefa desse início de período será reaprender, no plano do pensamento, o que a criança já dominou no plano prático. A partir de mais ou menos dois anos, ela chega ao nível do pensamento e elabora os dados da realidade no plano da representação mental, apoiando-se em imagens mentais e esquemas verbais.

Intelectualmente, a criança evolui criando pré-conceitos e pré-relações. Afetivamente, os primórdios da socialização também levam a uma certa descentração, com sentimentos mais específicos perante as diversas pessoas. Sua moral ainda não é introjetada, depende dos valores dos pais. As conquistas cognitivas ainda são limitadas, pois os raciocínios permanecem presos aos estádios. Os processos psicossociais também são limitados, pela dificuldade em conjugar e dissociar os próprios pontos de vista e dos outros.

O terceiro período, o operatório concreto (de 7 a 8 e de 11 a 12 anos), é marcado pelo maior desenvolvimento do pensamento lógico. A criança sai do egocentrismo intelectual, social e afetivo e se posiciona como ser lógico, autônomo, responsável, uma entre outras, num

grupo de iguais e no mundo adulto. Consegue raciocinar logicamente, e, desde que não seja exigido um nível muito elevado de abstração, consegue formular conceitos, juízos e raciocínios. O pensamento se adapta a convenções sociais. A maior socialização evidencia-se nas atividades lúdicas nos jogos de construção, nos jogos de regras e nas atividades escolares.

O período operatório formal é caracterizado pelo desenvolvimento do raciocínio lógico-hipotético-dedutivo, permitindo o pensamento torna-se independente do concreto. Apresenta maior capacidade de abstração e observação científica do real. O adolescente atinge um domínio do conhecimento ilimitado. Simultaneamente, a personalidade se afirma e a inserção no mundo dos adultos se torna possível.

Para Sousa (2004), Piaget favoreceu a compreensão de educadores e muitos estudiosos com a divisão do desenvolvimento da aprendizagem da criança em quatro estádios, mas isso é apenas parte de sua teoria, principalmente nos contextos escolares direcionada aos estádios do desenvolvimento. Um dos pontos centrais da teoria piagetiana, no entanto, é o desenvolvimento da autonomia.

Compreende-se autonomia como a faculdade de se governar, um direito ou faculdade de ser por leis próprias, a liberdade ou independência moral ou intelectual e, ainda, a condição pela qual o homem pretende poder escolher as leis que regem a sua conduta.

O desenvolvimento da autonomia no sujeito encontra-se diretamente relacionado à sua capacidade de interação com o meio social. Essa interação do sujeito com o meio, as trocas resultantes desse processo e os vínculos afetivos estabelecidos podem funcionar como propulsores do desenvolvimento.

Na medida em que a criança consegue se relacionar de uma forma equilibrada com os adultos, sem que essa relação seja permeada por opressão ou autoritarismo, ela terá as portas abertas para o crescimento emocional e cognitivo, assim como um estímulo favorável ao desenvolvimento de sua autonomia.

De acordo com Wallon (1979) acredita que a criança é, desde o início, um ser social, e privilegia as relações da criança com os outros em seu desenvolvimento psíquico. Para ele, o desenvolvimento psicológico está intimamente ligado aos acessivos modos de relação com o meio humano e psíquico. A criança é, inicialmente, um ser impulsivo, dominado por suas necessidades, mas está imersa num mundo social e logo passa a associar a satisfação de suas necessidades com um certo cuidado que lhe dispensa o adulto. A partir daí começa a estabelecer um sistema de comunicação com mãe ou substituta, através de movimentos, gestos, mímicas, numa linguagem expressiva com modulações do tom e das atitudes em que se revela o precoce interesse pelo humano.

De acordo com Sousa (2004), para Piaget a criança é um ser cognoscitivo que vai do egocentrismo para social. Para Wallon (1979), a vida da criança é desde o início social e engloba o interesse pelas relações interpessoais e pelo cognitivo, apoiando-se na evolução física e neurológica.

Assim, existe continuidade, ou melhor, unidade entre o orgânico e o ser psíquico. Não são duas entidades que se devem estudar separadamente e, depois, colocar em concordância um e outro se exprimem simultaneamente em todos os níveis da evolução, pelas ações e reações do sujeito sobre o meio, diante do outro. O meio mais importante para a formação da personalidade não é o meio físico, é o meio social. Pouco a pouco, ela que se confundia com meio, vai se dissociar dele. Sua evolução não é uniforme, mas feita de oposições e identificações.

De acordo com Cabral apud Sousa (2004) entende-se que a originalidade de Wallon é ter ultrapassado o pólo orgânico e haver dado um sentido humano e social ao movimento e sobretudo as atividades, acerca dos períodos evolutivos e a consciência e si, além da noção do esquema corporal e da imagem especular, é muito interessante para os que estudam a Psicomotricidade e buscam referenciar sua prática, seja escolar, seja clínica, nessa área.

Para Vygotsky (1989) o papel da interação social no desenvolvimento do ser humano é de grande importância. Para ele, a maturação biológica é um fator secundário no desenvolvimento das formas complexas do comportamento humano, pois essas dependem da interação da criança e sua cultura. O desenvolvimento do sujeito humano se dá a partir das constantes interações com o meio social em que vive, e as formas psicológicas mais sofisticadas emergem da vida social.

O autor russo identifica dois níveis de desenvolvimento: um quando ele se refere às conquistas já efetivadas, que ele chama de nível de desenvolvimento real ou efetivo, que poderá ser entendido como referente às conquistas que já estão consolidadas na criança, funções ou capacidades que ela já aprendeu e domina. Esse nível indica os processos mentais da criança que já se estabeleceram, ciclos de desenvolvimento que já se completaram.

O outro nível é potencial e se relaciona às capacidades em vias de serem construídas. Refere-se àquilo que a criança é capaz de fazer, mas com ajuda de outra pessoa.

De acordo com Vygotsky (1989), esse nível é mais indicativo de seu desenvolvimento mental do que aquele que a criança consegue fazer sozinha. A distância entre aquilo que a criança é capaz de fazer de forma autônoma (nível de desenvolvimento real) e aquilo que ela realiza com a colaboração de outras pessoas de seu grupo social (nível de desenvolvimento potencial) é caracterizado por Vygotsky como Zona de Desenvolvimento Potencial ou Proximal. Assim, “(...) aquilo que é zona de desenvolvimento proximal hoje será o nível de

desenvolvimento real amanhã ou seja, aquilo que uma criança pode fazer com assistência hoje, ela será capaz de fazer sozinha amanhã. (Vygotsky apud Rego, 1984, p. 74)

De acordo com Rosadas *apud* Holanda & Bezerra (2000), o movimento é o elemento vital no crescimento e desenvolvimento da criança. Esse desenvolvimento ainda segue alguns princípios básicos que vale apenas ressaltar, pois referem-se a qualquer indivíduo em todas as faixas econômicas e culturais: **desenvolvimento céfalo-caudal** – é ordenado e previsível, onde as primeiras aquisições se iniciam na região da cabeça e evoluem em direção aos pés. O sistema nervoso também se desenvolve desta forma; **desenvolvimento próximo-distal** – segue a direção da região central para as extremidades. O controle processa-se do tronco para os braços, mãos e dedos; **desenvolvimento geral para específico** – tanto em relação aos comportamentos como no controle motor, em que haverá controle da musculatura grossa antes dos movimentos da musculatura fina. Em outros termos, os movimentos vão ser simples e generalizados no início e específicos e refinados futuramente. O desenvolvimento humano vem sofrendo variados estudos e classificações, com tendências distintas entre as escolas (européia, americana, soviética, etc). Contudo, ela tem algo em comum: a divisão geralmente é direcionada entre os aspectos motor (psicomotor), cognitivo (intelectual) e sócio-afetivo (sócio-emocional).

Wadsworth (1993, p.1 a 9), diz que: “a psicomotricidade está relacionada às implicações psicológicas do movimento e da atividade corporal na relação do organismo com o meio em que pode se desenvolver. Envolve relações psiquismo-movimento e movimento-psiquismo”. Há certos componentes maturativos cerebrais e certos componentes relacionais pois a criança tem contato com pessoas e objetos com os quais se relaciona de forma construtiva. A psicomotricidade é fonte de conhecimento e expressão dos conhecimentos, meio de gerar vivências e emoções através da relação e expressão de vivências e emoções na relação. O movimento da criança vai integrando e controlando voluntariamente um maior número de grupos musculares. A psicomotricidade grossa permite, pela maturação, que ela domine a psicomotricidade fina.

Segundo Rosa (1993), na primeira infância o desenvolvimento motor é bem rápido. Existem duas habilidades motoras fundamentais que devem ser desenvolvidas durante a primeira infância. A primeira é a postura ereta e a locomoção e a segunda é a capacidade de preensão e manipulação de objetos. As crianças com até cinco e seis anos de idade passam por rápidas mudanças, o ritmo de crescimento de uma criança é tão acelerado nos primeiros anos de vida que ela atinge, entre dois e três anos, a metade da altura que vai ter quando adulto. É na fase pré-escolar que o organismo passa por mudanças bem acentuadas. Tipicamente, uma criança de seis anos de idade tem seu peso aumentado em 50% em relação ao peso que tinha

aos dois anos de idade. É interessante, entretanto, observar a relação entre o crescimento geral da criança em comparação com o desenvolvimento diferencial de vários subsistemas do organismo. Por exemplo, aos dois anos de idade o tronco do corpo humano já alcançou cerca de 45% do tamanho que terá aos vinte e hum anos de idade. Aos seis anos de idade, o torso já alcançou cerca de 60% do seu tamanho final. Também aos seis anos de idade o sistema motor dessa criança não alcançou o mesmo grau de desenvolvimento do cérebro. As pernas por exemplo, nessa idade representa apenas 50% do seu tamanho, no adulto normal.

Wadsworth (1993, p.1 a 9), diz que: “para que a criança adquira controle postural, o progresso maturativo obedece a leis que se ajustam a grandes marcos:

1. Controle da cabeça: as crianças têm um certo controle dos movimentos da cabeça, mas a sustentação em linha de prolongação do tronco só ocorre por volta dos três-quatro meses.
2. Coordenação olho-mão: Pequena coordenação está presente ao nascimento, com movimentos grosseiros e pouco afinados, mas por volta dos três-quatro meses ela se estabelece.
3. Sentar: Aos quatro-cinco meses, os bebês mantêm-se sentados com o apoio, mas aos seis-sete meses mantêm-se sentados sem ajuda.
4. Locomoção antes de andar: Aos oito meses dos bebês locomovem-se de um lado para o outro antes de andarem. Sentados, locomovem-se com as mãos como remo, locomovem-se também ao engatinhar, apoiando-se nas mãos, joelhos e pés.
5. Manter-se em pé e caminhar: Por volta dos nove-dez meses, a criança pode manter-se de pé apoiada, e aos doze meses, manter-se de pé sem apoio e andar sozinha por volta dos doze-quatorze meses. Aos dezoito pode correr e aos vinte-vinte-quatro meses pode dar pequenos saltos”.

Para o autor, este calendário motor pode variar de uma criança para outra. Algumas são mais precoces, outras mais lentas. Como tudo que se relaciona ao crescimento, o desenvolvimento psicomotor ocorre impulsionado pelo duplo estímulo da maturação biológica inerente ao processo de crescimento e da estimulação social que a criança recebe.

Segundo Rosa (1993, p. 45 a 47), “existem cinco estágios na seqüência evolutiva que leva o ser humano a andar em posição ereta. São eles:

- A criança senta-se com o auxílio de um apoio (5 a 6 meses);
- A criança senta-se sozinha (5 a 7 meses);
- A criança começa a querer engatinhar (8 a 9 meses);
- A criança começa a engatinhar e andar com ajuda (9 a 10 meses);
- A criança anda sozinha (12 a 14 meses)”.

Complementando Mamede & Corrêa (1994), dizem que é necessário que acreditemos que todos os envolvidos no processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança tem um papel fundamental, pois é através dessa interação com a criança que poderá ou não favorece-la a construir um belo começo de sua história de vida. Pois a criança pode aprender a se desenvolver mesmo antes do nascimento, para isso faz-se necessário, cuidados e atenção especiais constantes. Pois o processo de desenvolvimento de uma pessoa começa desde a sua concepção. É o milagre da vida que se repete a cada minuto, a cada dia, a cada geração. Às características recebidas do pai e da mãe no momento da concepção damos o nome de hereditariedade, que é um dos fatores que influenciam o desenvolvimento.

Segundo Mamede & Corrêa (1994), o avanço das pesquisas sobre o desenvolvimento humano mostram que desde o útero, o feto é um ser capaz de reações, ou seja, ele recebe e reage às influências do ambiente. Já se sabia que alguns medicamentos tomados pela mãe e algumas doenças que ela tivesse durante a gestação, atingia o feto. Mas agora, além de sabermos que a placenta não faz uma barreira tão grande a muitas drogas e doenças, sabemos muito mais coisas sobre as capacidades do feto. Ele já pode, ainda no útero, ouvir, tocar, e mesmo aprender, a um nível bem primitivo. Pesquisas mostram que o feto reage de maneiras diferentes a ruídos diferentes, que sua memória começa a registrar impressões por volta do quinto e sexto mês de gestação. Um estudo mostrou como bebês reagiam, depois de nascidos, a músicas que ouviam sempre quando estavam na barriga da mãe. Colocando-se uma fita ou disco de música calma, que o bebê tenha ouvido muito durante a gestação, o que não acontecia com outras músicas igualmente calmas. O feto também conhece muito bem o ritmo das batidas do coração da sua mãe. Assim, depois de nascido, gosta muito quando ela o pega e coloca perto do coração.

Por ter sua audição bem desenvolvida, o feto já pode diferenciar sons diferentes e reagir a eles. Muito barulho pode fazê-lo agitar-se na barriga da mãe. Essas constatações são acompanhadas de suas conseqüências: ao receber e reagir às influências do meio em que vive, não só o corpo, mais as sensações, as percepções da criança, começam a ser construídas desde o tempo de sua gestação. O bebê nasce, único, diferente de todos os outros e ao mesmo tempo semelhante a todos os outros bebês. Pequeno, dependente, mais trazendo em si enorme capacidade para crescer e desenvolver suas potencialidades. Ao nascer, o sistema nervoso do bebê não está totalmente formado. A esse aprimoramento de estruturas orgânicas básicas chamamos maturação. A maturação tem um rumo definido, ela acontece na direção da cabeça para os pés, e do centro do corpo para as extremidades do mesmo. Ao observarmos o bebê notamos isso. Ele primeiro controla o movimento de sua cabeça, depois o tronco e por último o movimento das pernas. O bebê tenta também agarrar um objeto movimentando a articulação

de seu ombro, os braços, até conseguir mexer os dedos de forma a agarrar o objeto. Para que aconteça a maturação é necessário que, ao lado dos cuidados com a saúde, alimentação, as pessoas interajam com a criança e a incentivem a praticar habilidades. Por exemplo, colocá-la de bruços e mostrar um brinquedo vai incentivá-la a sustentar a cabeça, pois a atividade da criança ajuda no processo de maturação de seu corpo.

Segundo Rosa (1993, p. 45 e 46), “a criança já deve ter adquirido um certo nível de maturidade como base para outros níveis de desenvolvimento, a partir da:

- Qualidade das interações partindo do nível de desenvolvimento no qual a criança se encontra.
- Continuidade das relações interativas que influenciam a criança (pais, irmãos, professores, etc).
- Necessidade que a criança seja motivada, tenha interesse e esteja à vontade e confiante com as pessoas que a cercam e com ela mesma”.

Cada ser humano se desenvolve de forma única e com uma dinâmica individual própria. As relações com os objetos e materiais encontrados em seu meio ambiente também são fontes de aprendizagem. Wadsworth, destaca como principais os seguintes reflexos: **Reflexo de Sucção:** ativado quando o seio da mãe entra em contato com os lábios do bebê; **Reflexo de Enraizamento:** Quando a bochecha do bebê é estimulada, ele vira a cabeça para a fonte do estímulo; **Reflexo Palmar:** Quando se coloca um objeto na palma da mão do bebê, ele fecha-a com força, agarrando o objeto; **Reflexo de Moro:** Mudança brusca de estímulos que provoca uma reação de susto. A criança abre os braços jogando-os para trás e em seguida fechando-os como se fosse um abraço; **Reflexo de Marcha:** Colocando o bebê na posição de marcha, com os pés em contato com uma mesa, ele anda sem sair do lugar.

Alguns desses reflexos permanecerão por toda a vida, enquanto outros desaparecerão ou serão modificados durante os quatro primeiros meses. Durante os dois primeiros anos o crescimento físico é muito acentuado. A partir do terceiro ano o crescimento se desacelera com a idade.

De acordo com Rosadas apud Holanda & Bezerra (2000), a criança e o adulto apresentam alguns padrões de desenvolvimento previsíveis. Será apresentada aqui uma síntese do desenvolvimento psicomotor desde o nascimento até a adolescência.

O primeiro ano de vida – ao nascer, o indivíduo apresenta reações automática-reflexas (reflexo de moro, por exemplo). Algumas são mais reflexas (sucção), as quais são chamadas organizações instintivas.

1º mês:

- Reação de atenção, começa a olhar, deixa de chorar quando alguém se aproxima;
- Comunica suas necessidades através do choro.

2º mês:

- Segue com os olhos os estímulos;
- Emite sons vocais;
- Brinca com as mãos;
- Figuras combinadas podem desencadear um sorriso.

3º mês:

- Sacode o chocalho involuntariamente;
- Sorri em resposta a outro sorriso;
- Sai do estágio entrando no mundo humano pela comunicação do sorriso.

4º mês:

- Aproxima-se dos objetos apalpando-os;
- Ri alto, esconde-se;
- Rola;
- Começa a orientar-se no espaço.

5º mês:

- Pega objetos ao seu alcance;
- Senta-se com apoio;
- Leva os pés à boca;
- O desenvolvimento da preensão muda a visão do mundo.

6º mês:

- Utiliza seu corpo e objetos no espaço;
- Balbucia;
- Alimentação sólida e com colher.

7º a 8º meses:

- Procura objetos caídos, joga-os;
- Simboliza presença e ausência (cadê, achou!);

- Simboliza a aceitação e a rejeição, sorrindo ou chorando conforme quem vê;
- Preensão ativa do polegar;
- Crise de angústia distônica, ou seja, chora quando a mãe não está perto;
- Estabelece relação percebida e reconhecida do objeto;
- Reconhece-se alegremente no espelho;
- Transfere objetos de uma mão para outra;
- Repete os atos que lhe interessam, ou seja, bate palmas, dá pontapés em brinquedos suspensos no berço para vê-los alcançar;
- Começa a demonstrar compreensão das palavras e emite sons, parecendo gostar de ouvir sua própria voz;
- Engatinha;
- Vocaliza as sílabas.

9º mês:

- Mantém-se de pé com apoio;
- Pega objetos escondidos à sua frente;
- Primeiras palavras de duas sílabas servindo para nomear tudo, instituindo-se assim a memória;
- Movimento de pinça.

10º mês:

- Coloca-se em pé sozinho;
- Bebe com copo;
- Repete os sons ouvidos;
- Interrompe a ação ao ouvir ordens;
- Aprende a falar as primeiras palavras, juntando sílabas;
- Instituem-se as noções de defesa e proibição.

11º e 12º meses:

- Desenvolvimento da marcha com domínio do espaço físico e simbólico;
- Linguagem: diz três ou quatro palavras, aumentando assim a perspectiva de pensamento;
- Entende frases curtas.

A Infância

15° a 18° meses:

- Anda sozinho;
- Apresenta linguagem de ação com organizações rítmicas;
- Maturação neurológica para controle esfinteriano (início da percepção);
- Já faz rabiscos.

2 anos:

- Noção de totalidade corporal (mas não relaciona as partes);
- Reconhece diferença sexual;
- Usa colher e lápis;
- Salta com os dois pés juntos;
- O real está confuso com a fantasia – o que pensa e imagina é sempre mais verdadeiro e realizável para a criança;
- Controle total dos esfínteres;
- O vocabulário aumenta.

3 anos:

- Utiliza o pronome “eu” – tomada de consciência de si;
- Reconhece e explica ações;
- É capaz de classificar, identificar e comparar;
- Vocabulário em torno de 200 palavras;
- Demonstra cooperação;
- Usa talheres e quer vestir-se e calçar-se sozinho;
- Salta em um pé só, dois ou três passos;
- Anda de velocípede;
- Sobe e desce escadas alternando os passos;
- A coordenação motora fina se aperfeiçoa;
- Idade dos porquês;
- Começa a se meter na conversa dos adultos;
- Começa a usar a tesoura.

4 anos:

- Tem mais elasticidade das articulações, coordena o movimento das mãos na escrita, mas não apresenta freio motor;
- Inicia abstrações e relações com os fatos, não distinguindo claramente a fantasia da realidade;
- Distingue frente e costas, veste-se sozinho;
- Salta com habilidade;
- Início da socialização;
- Exploração e manipulação mais acentuada da área sexual;
- Sabe copiar carimbos. Associa a figura à escrita;
- Pode copiar uma cruz;
- Anda na ponta dos pés;
- Reconhece as cores branco e preto;
- Ainda se vê do modo pelo qual pensa que as outras pessoas a vêem.

5 anos:

- Coordenação global desenvolvida, desenvolvimento do esquema corporal utiliza a mão dominante reconhecendo direita e esquerda em si apenas;
- Coordenação viso-motora em desenvolvimento, dissociação manual e digital;
- Protege as crianças menores, colabora gradativamente, gosta de ajudar em tarefas domésticas, aceita responsabilidade e ordens;
- Salta alternando os pés, salta distância com habilidade, ou seja, é mais ágil;
- Agregação com crianças do mesmo sexo (simpatia e antipatia);
- Formação de censura, certo e errado;
- Segura o lápis com mais segurança mostrando os progressos neuromotores quando desenha traços retos, conseguindo fazer círculos e quadrados;
- Distingue todas as cores;
- Identificação com figuras de ídolos.

6 anos:

- Apresenta experimentação do corpo;
- Dissociação manual e digital já estão firmadas (apresenta possibilidades de escrever);
- Atitudes sociais bruscas;
- Orientação nobre, distingue os dois lados (lateralização);

- Não faz laços (faz algumas tentativas);
- Distingue fantasia da realidade claramente;
- Início dos jogos heterossexuais;
- Troca de dentes;
- Anda de bicicleta;
- Desenvolve com maior facilidade jogos de competição e raciocínio.

7 a 8 anos:

- Plena integração de corpo, aperfeiçoamento das habilidades adquiridas anteriormente;
- A dissociação estende-se para todo o corpo;
- Reconhece lateralização no outro;
- Noção de temporalidade bem definida (passado, presente e futuro);
- Sabe ver horas, não os minutos;
- Instala-se fortemente a conduta ética, a importância de valores e normas;
- Procura contatos fora de casa;
- Aparece a reprodução rítmica.

9 a 10 anos:

- Automatização dos movimentos habituais até se tornarem ágeis, mais relaxado na postura, levanta alternativas para solucionar problemas;
- Relaciona-se cooperativamente com a comunidade;
- Explica conceitos abstratos (bondade por exemplo);
- Percepção mais aguçada;
- Valoriza grupo de amigos;
- Sabe comprar pequenas coisas sozinho;
- Fala e age ao mesmo tempo.

11 a 12 anos:

- Combina simultaneamente os movimentos dos membros inferiores e superiores;
- Equilibra força muscular e habilidade;
- Reflexivo e espontâneo;
- Movimentos expressivos tanto faciais quanto corporais;
- Atividades com diferenciação dos sexos e desenvolvimento muscular maior nos meninos;
- Início da adolescência.

2.3 Distúrbios do Desenvolvimento Psicomotor Infantil

De acordo com Rosadas apud Holanda & Bezerra (2000), o movimento é o elemento vital ao crescimento e ao desenvolvimento psicomotor infantil. Assim sendo, a Psicomotricidade está relacionada as implicações psicológicas do movimento e da atividade corporal na relação do organismo com o meio em que pode se desenvolver. A certos componentes maturativos cerebrais e certos componentes relacionais, pois a criança tem contato com as pessoas e objetos com as quais se relaciona de forma construtiva.

Segundo Cabral apud Sousa (2004), é no lar que se inicia a vida da criança e a aprendizagem do mundo, juntamente com a consciência de si mesma como pessoa autônoma, livre e responsável. O processo de crescer não existe sem conflitos e crises. A satisfação – insatisfação, o prazer – desfazer são inerentes a condição humana. O bebê, desde o nascimento, entra em relação afetiva com seus pais e vai fazendo a descoberta de suas capacidades motoras, sensoriais e intelectuais, construindo, aos poucos, a sua identidade. Ele vivencia a satisfação de suas necessidades e desejos e, ao mesmo tempo, com frustrações e desejos irrealizáveis. Encontra estímulo e apoio ou, ao contrario, obstáculos aos seus desejos. Vais e sentir pleno e cheio de amor ou vazio, expressando, através do choro e agitação motora, a raiva que sente por não ser satisfeito. São momentos bons e agradáveis como também instantes desagradáveis e de sofrimento.

De acordo com Wadsworth (1993), o rápido desenvolvimento por que passa a criança nesse período apresenta certos problemas psicológicos criados pela dificuldade de adaptação e também por alguns distúrbios psicomotores apresentados durante o seu nascimento ou mesmo no decorrer do seu desenvolvimento. O fato de os pais não poderem acompanhar o processo de desenvolvimento psicomotor da criança quase sempre cria problemas de relacionamentos entre pais e filhos. É necessário que saibamos que, quando falamos em desenvolvimento estamos falando de muitos processos entre os quais os de crescimento e aprendizagem da criança, pois observamos como vão acontecendo ao mesmo tempo mudanças em seu crescimento tais como: no peso, na estatura, no tamanho, na função dos seus órgãos, nas suas habilidades, e no seu modo de fazer atividades. No caso de crianças que apresentam distúrbios psicomotores é necessário que desde o seu nascimento, sejam acompanhadas pelos pais e por profissionais qualificados para poder tratar de forma coerente de tais distúrbios que dificultam sua aprendizagem e seu desenvolvimento.

Ainda Wadsworth (1993), o crescimento pré-natal é um desenvolvimento acelerado, pois, passa-se de um minúsculo zigoto, fruto da fecundação de um óvulo por um espermatozóide, a uma criatura de cerca de três quilos de peso e de aproximadamente meio

metro de altura. O crescimento intra-uterino tem uma própria lógica endógena ou interna, seguindo uma determinada seqüência de eventos que se repetem em todos os seres humanos.

Na compreensão da gênese dos distúrbios psicomotores é importante considerar o que acontece nas etapas embrionária e fetal do desenvolvimento pré-natal. A etapa embrionária: abrange desde a segunda até a oitava semana após a fecundação. Há muitos embriões que não prosperam, provavelmente por terem alguma anomalia e são espontaneamente abortados. Nessa etapa ocorrem os processos de morfogênese (diferenciação das diferentes partes do corpo) e de histogênese (diferenciação das células em tecidos especializados).

A etapa fetal, o crescimento ocorre a uma velocidade maior, o corpo termina por formar-se e vai tornando-se proporcional. O feto pára de crescer quando ocupa todo o espaço disponível, mas pode se “recuperar” quando nasce. Fatores que podem influenciar negativamente no desenvolvimento são: radiação, desnutrição da mãe, rubéola ou outras doenças infecciosas além de ingestão de drogas.

Segundo Wadsworth (1993), o processo do parto pode algumas vezes trazer grandes problemas, como por exemplo a anoxia neonatal, ou mais precisamente uma hipoxia. Trata-se de uma dificuldade respiratória no momento da passagem à respiração aérea independente da criança, que pode estar relacionada com uma laçada do cordão umbilical, ou obstrução das vias respiratórias. As anoxias graves podem deixar seqüelas na forma de atrasos maturativos, lentidão no desenvolvimento psicomotor ou outros. O diagnóstico do recém-nascido é feito através de um teste padronizado, chamado de Apgar, que é uma escala que mede cinco aspectos: ritmo cardíaco, esforço respiratório, tônus muscular, coloração e as reações reflexas. Cada um dos aspectos recebe uma nota de 0, 1 ou 2, e a máxima é 10, se o bebê estiver bem.

De acordo com Wallon apud Sousa (2004), os indicadores dos fatores psicomotores são:

- **Tônus** – é o alicerce fundamental na estruturação do indivíduo.
 - Hipotônico – diminuição do tônus.
 - Hipertônico – aumento do tônus.
 - Normal – quando há o equilíbrio da tonicidade.
- **Equilíbrio** – é a capacidade de manutenção e orientação do corpo.
 - Estático – equilíbrio parado.
 - Dinâmico – equilíbrio em movimento.
- **Noção do Corpo** – obtém-se pela elaboração da imagem corporal, que é a figuração de nosso corpo formado em nossa mente e que representa uma forma de equilíbrio entre as funções psicomotoras e a sua maturidade. O esquema corporal é a integração

da imagem corporal ao conceito de corpo em movimento. O esquema corporal regula a postura e o equilíbrio.

- **Lateralidade** – é a propensão que o ser humano possui de utilizar, preferencialmente, mais um lado do corpo do que o outro, em três níveis (mão, pé, olho).
- **Estruturação Espaciotemporal** – Espacial é uma elaboração e uma construção mental que o indivíduo opera através de seus movimentos em relação aos objetos que estão em seu meio. Temporal é o ritmo que envolve a conscientização de igualdade dos intervalos de tempo.
- **Praxia Global** – é a realização e automatização dos movimentos globais, movimentos amplos. Envolve todos os sistemas anteriormente citados.
- **Praxia Fina** – integra todas as considerações e todas as significações psiconeurológicas já avançadas na praxia global.

Indicadores dos fatores emocionais e sociais:

- **Afetividade** – conjunto dos fenômenos afetivos, força constituída pelos fenômenos afetivos, no íntimo de um caráter individual.
- **Agressividade** – provocação: tendência a atacar, a provocar. Forma de desequilíbrio psíquico que se traduz por uma hostilidade permanente diante de outrem. Faz parte do componente afetivo do homem. É necessário mantê-la em equilíbrio.
- **Timidez** – falta de coragem, insegurança e inibição, dificuldade de relacionamento com as outras pessoas.

Segundo Sousa (2004), o desenvolvimento psicomotor foi avaliado em duas dimensões: fatores psicomotores (tônus, equilíbrio, noção de corpo, lateralidade, estrutura espaço-temporal, praxia global, praxia final) e os fatores emocionais e sociais como (afetividade, agressividade e timidez).

De acordo com Fonseca (1995), esses fatores quando sofrem alguma alteração, no início ou no decorrer do desenvolvimento infantil causam alguns distúrbios psicomotores na criança, ocasionados muitas vezes em decorrência da falta de diagnóstico e tratamento no tempo certo por profissionais qualificados. Desta forma a criança pode apresentar os seguintes distúrbios psicomotores:

1. Distúrbios do Esquema e Imagem Corporal

- Inabilidade ou dificuldade após 5 anos de idade em: nomear, discriminar, parear, reconhecer, dar funções, reproduzir graficamente partes do corpo.

2. Distúrbio da Dinâmica Global

- Dificuldade de organizar bimanual seu equilíbrio estático em movimento;

- Aparece com desorganizações temporo-espaciais e de lateralidade, os movimentos são globalizados e às vezes contaminados por Sincinesias.

3. Dinâmica Lateral

- Falta de definição psico-funcional dos órgãos dominantes, mão, pé e olhos após os 7 anos;
- Causas neurológicas (síndromes, afecções e imaturidade do sistema nervoso central), como de caráter afetivo, emocional, psicológico ou ambiental, chamado de ambidestrismo.

4. Distúrbio de Lateralidade

- Ligada diretamente ao esquema e imagem corporal, ocorre após os 7 anos.

Segundo Piaget e Head apud Mamede (1994) e através de pesquisas nesta área é considerado um indivíduo com dificuldade de lateralidade se após os 7 anos conseguir localizar, discriminar, nomear, conceituar em si mesmo num primeiro plano a noção de direita e esquerda. Após os 9 anos no outro, no objeto e no espaço gráfico.

Distúrbios de Aprendizagem

São aqueles que não refletidos no plano corporal, acabam por aparecer num plano gráfico, envolvendo aspectos desde neurológicos, ambientais, pedagógicos, emocionais, funcionais e outros.

É preciso deixar o indivíduo experienciar todo processo de aprendizagem antes de discriminá-lo como distúrbio.

1. Disgrafias

- Dificuldade que o indivíduo apresenta no ato motor da escrita, resultando esta como indecifrável, inconstante, descoordenada e imatura;
- Característica do traçado: rotação e espelho de letras, números e formas.

2. Desortografias

- Dificuldade ligada a ortografia da escrita, envolvendo planos espaço-temporal, ritmo, atenção, concentração, noção de lateralidade, onde a compreensão escrita fica prejudicada;
- Relacionadas as características pedagógicas do processo de escrita do país: omissões, inversões, acréscimos de letras;
- São quase sempre reflexos de um esquema corporal mal vivenciado e envolvendo também a dificuldade específica de discriminação do grafema x fonema.

3. Discalculias

- Dificuldades de transcrever, associar, seriar, reconhecer, parear, discriminar o símbolo numérico, com características de imaturidade espaço-temporal;
- Características de rotação e espelho são quase sempre reflexos de dificuldades de Dominância Lateral, Lateralidade e Esquema Corporal.

4. Dislexia ou Distúrbio de Leitura Escrita

- Dificuldades de ler e escrever, falta de orientação, seqüenciação do raciocínio, uso de pensamento lógico estrutural, envolvendo traços, omissões, acréscimos, inversões de letras, palavras e às vezes de frases, bem como dificuldades na elaboração de textos.

Estão quase sempre ligadas com fatores do Tônus (Dinâmica Global), Dominância Lateral, Lateralidade (espaço), Ritmo e Esquema Corporal, fazendo com que o complexo psicomotor de base mal organizada, vivenciado ou estruturado provoque este distúrbio.

Podem também ser conseqüências de lesões neurológicas sérias, deficiências mentais e sensoriais ou desorganizações psicológicas.

Síndrome de Déficit de Atenção

D.C.M (Disfunção Cerebral Mínima) – escola européia – se constitui numa das síndromes mais freqüentes dos consultórios neuro-pediátricos.

S.D.A. (Síndrome do Déficit de Atenção) – escola americana – que descreve mais detalhadamente as manifestações e tenta adequar melhor o conceito de D.C.M. é composto por:

- S.D.A. com hiperatividade, caracterizada por déficit de atenção e impulsividade.
- S.D.A. sem hiperatividade, com apenas déficit de atenção e impulsividade.
- S.D.A. residual, característica de adolescentes e adultos jovens que anteriormente tiveram S.D.A. com hiperatividade.

No quadro clínico da S.D.A. encontram-se algumas alterações:

1. Incoordenação – imaturidade de sinergia de músculos.
2. Hiperatividade, atividade motora intensa, levando a criança a uma movimentação constante, que prejudica sua motricidade voluntária.
3. Impersistência motora, a criança não mantém um ou mais movimentos por tempo indeterminado.
4. Distúrbios de fala, retardo na aquisição da fala e distúrbios articulatorios e de ritmo.
5. Sincinesias consideradas fisiológicas até 7 anos.

6. Agnosias, dificuldade de reconhecimento de objetos e sons, com crianças normais do ponto de vista visual, auditivo e tátil.
7. Distúrbios de aprendizagem, problemas escolares nas crianças com S.D.A., associados a dislexia, disgrafia e discalculia.
8. Distúrbios de comportamento, surgem em função da própria atitude da criança com S.D.A: reações de agressividade, destrutividade, manias, inseguranças principalmente quando há inaceitação do meio (casa e escola).

Hiperatividade

Distúrbios de aprendizagem e suas repercussões escolares. Aspectos básicos:

1. Desordens na atenção;
2. Falta de domínio corporal.
3. Dificuldade no relacionamento com as outras crianças, não respeitam limites, impedem o desenvolvimento normal dos trabalhos.

Crianças hiperativas apresentam:

- Desvirtuamento da capacidade seletiva;
- Instabilidade psicomotora;
- Falta de capacidade de concentração;
- Impossibilidade de abstração por muito tempo, falta de inibição voluntária, afetando o desenvolvimento cognitivo e psicomotor;
- Limitações em determinadas áreas, desencadeia dificuldades em outras;
- Não conseguem manter um foco de atividade cognitiva, as idéias fogem, atenção se dispersa, a produção intelectual se empobrece, embora a aparência sugira intensa produtividade.

Hipoatividade (inquietação e ansiedade). Menor atividade motriz.

Os comportamentos hipocinéticos quando provocados por estímulos externos, provocam hiperatividade e por estímulos internos a hipoatividade: inquietação. São detectados com maior frequência nas séries iniciais do Ensino Fundamental e as crianças apresentam dificuldades para acompanhar o ritmo normal, o aprendizado da leitura e da escrita.

Do ponto de vista cognitivo-afetivo-motor, os professores e pais desconhecem as causas dos rótulos: “desleixados, preguiçosos, desatentos”, e sentem dificuldades de buscar alternativas pedagógicas para sanar problemas.

A metodologia que usam, às vezes, é da coação, ameaças, punições, indiferença e as conseqüências se refletem em problemas de ordem sócio-afetiva, interferência na auto-imagem e na auto-estima.

Hoje o estudo da percepção por psicólogos, pedagogos e professores tem destacado a importância da psicomotricidade na aprendizagem escolar.

A aprendizagem fica num primeiro momento numa dependência maior dos aspectos internos – maturação neurológica e num segundo momento: maior dependência das informações do meio.

A coordenação psicomotora tanto a estática (equilíbrio) como a dinâmica (sinergia dos movimentos) precisam de atividades escolares que enriqueçam com experiências a vida escolar na pré e na pós-alfabetização.

Pontos de reflexão:

- a. Coordenação psicomotora: desenvolvimento de habilidades específicas.
Incoordenação: somente em relação a habilidades não adquiridas.
- b. O individuo incoordenado tem carências de impressões corporais, falta-lhe experiências vividas nesta atividade.
- c. A escola precisa urgentemente possibilitar a vivência em uma variedade de experiências corporais dos movimentos mais amplos para os mais finos e precisos. As habilidades viso-manuais mais precisas e delicadas, são pré-requisitos à escrita.
- d. Evitar que ocorra a anti-coordenação: repetição permanente dos mesmos exercícios.
- e. Utilizar recursos pedagógicos sem desgatá-los.
- f. Evitar o padrão em função de uma norma, propor atividades sem preocupação com o certo e o errado.

CAPITULO III

INTERVENÇÃO DA FAMÍLIA NO DESENVOLVIMENTO PSICOMOTOR DA CRIANÇA

3.1 Família X Criança, Uma Interação Saudável: Como Sou e o que Podemos Fazer Juntos

De acordo com Mamede & Corrêa (1994), a família é vista como um forte e importante elo com a criança, proporcionando a mesmas condições para essa desenvolver-se num ambiente adequado, agradável e principalmente favorável ao seu crescimento constante. Pois todos nós sabemos que quase tudo que acontece ou deixa de acontecer com uma pessoa influencia muito na sua vida. Imaginemos então com uma criança até cinco, seis anos de idade, onde essas mudanças são muitas e muito rápidas. O ritmo de crescimento de uma criança é tão acelerado nos primeiros anos de vida, que ela atinge entre dois e três anos, a metade da altura que vai ter quando adulto.

Portanto, se proporcionarmos à criança cuidados com a sua saúde, higiene, e alimentação, atenção, carinhos e atividades, estamos criando as condições para que possa se desenvolver melhor. Porque é por meio das interações, que são as ações que a criança faz junto com outras pessoas adultas ou crianças e principalmente com a família: pela oportunidade de realizar atividades, principalmente o brincar, que ela vai experimentando, conhecendo, aprendendo sobre as pessoas e as coisas do seu dia-a-dia. Em interação com pessoas e em atividades, a criança vai também construindo seu modo de ser, sua auto-imagem, isto é, a maneira como se ver como pessoa.

Se a criança desde bem pequenina sente-se que é amada, desejada, capaz de aprender e fazer muitas coisas, mais chance ela tem de se sentir segura, confiante. Essa segurança é essencial para a criança gostar dela mesma, e aumentar sua inclinação para explorar, experimentar, aprender. Portanto, atenção, carinhos, brincadeiras com a criança, criam oportunidades para ela crescer e desenvolver suas potencialidades.

A seguir tomando como base os escritos de Mamede & Corrêa (1994), iremos repassar determinadas informações sobre o desenvolvimento da criança, bem como, algumas sugestões para o melhor acompanhamento da família junto a criança no período de 0 anos até 03 anos de idade.

Como a Criança é e o que pode fazer junto com sua Família

A Criança Antes do Nascimento

Mãe e filho crescem juntos.

Com mais ou menos 5 meses de gestação a criança já ouve bem, sobretudo, a voz de seus pais. Sua visão e seu olfato também já estão se exercitando.

Comidas e remédios que sua mãe toma lhe afetam. E também certas atividades que ela faz.

Por volta do 6º mês de gestação, sua memória já pode guardar algumas coisas e também começam a se formar seus sentimentos.

A mãe é sua abertura para o mundo. Gosta quando seus pais conversam com ela, cantam para ela, fazendo carinho na barriga da mamãe. A voz do papai falando e cantando para ela também lhe faz bem e aumenta sua capacidade de aprender, pois vai ouvindo vozes diferentes.

Gosta quando a mamãe se alimenta bem. Quase tudo que ela come ou toma passa para ela através do cordão umbilical. Se a mamãe faz esforço demais, fica mais difícil para a criança respirar, pois sentirá falta de oxigênio.

A Criança Durante o Nascimento

Fica assustada, seu corpo se separa do corpo da mãe. Enfrenta uma dura experiência. Passa por uma mudança espetacular; seu corpo, que estava quentinho com o líquido da placenta, precisa expulsar este líquido para deixar entrar o ar. Seus pulmões se expandem, os vasos se dilatam, seu coração começa a mandar sangue para estes vasos e a placenta da sua mãe deixa de funcionar. A circulação dentro do coração também se modifica.

Por causa destas mudanças na respiração e na circulação, sua pele é meio azulada no nascimento. Conforme o sangue recebe oxigênio com ao r, vai ficando rosado.

Fica cansado. Chora e se agita. Só uma coisa lhe tranqüiliza: ser posta perto da mãe, ser tocada por ela e pelo pai. Com o olhar brilhante e alerta, procura o olhar deste e nele se acalma. Afinal, são “velhos conhecidos”.

Junto à mãe sente-se calma e segura.

O nascimento da criança é uma experiência física e afetiva para ela e sua mãe. Se recebem atenção e carinho neste momento e só medicamentos indispensáveis, o choque poderá ser menor. Portanto, quanto mais natural for o parto, mais calma for à sala onde o

parto será realizado e se a criança puder ficar com a mãe após o seu nascimento, passa a ter melhores condições de se desenvolver.

Se a mãe puder, amamentar, a criança deverá ser estimulada, durante esse momento. O contato da pele da criança contra o seio da mãe faz produzir um hormônio que diminui os sangramentos depois do parto. Isto é bom para os dois.

A criança não deve ser separada da mãe – só em casos realmente necessários -, pois assim fica mais calma e segura.

Nos primeiros dias de vida aprende essencialmente pelos olhos e pelo toque. Sendo imprescindível carregá-la com firmeza, com braços calorosos e olhando-a nos olhos.

No Primeiro Mês de Vida

Ainda é muito unida à mãe, ela é sua ponte para o mundo.

Ainda não se movimenta muito. Geralmente fica com os braços e pernas dobrados e as mãos fechadas. Quando está de bruços, às vezes tentar levantar a cabeça.

Dorme muito. Seu sono deve ser respeitado.

Gosto de ser mudada de posição ficar de barriga para baixo, de barriga para cima ou de lado. Para mudar sua posição, é preciso que alguém a ajude, pois, não sabe ainda mexer seu corpo sozinha.

Para dormir sossegada, coloque-a em lugares calmos e arejados da casa. Barulhos fortes e ruídos a assustam muito, pois seu sistema nervoso está se completando ainda.

Não deixe muitos panos em volta dela porque pode sufocar-se.

Precisa tomar a vacina BCG para ficar protegida da tuberculose.

O leite da mãe é completo, é seu melhor alimento. Não precisa tomar nem chá nem água. Ele também protege de muitas doenças, como se fosse uma vacina.

De 02 a 03 Meses

As pessoas, principalmente a mãe, ainda são seu maior interesse.

Quando está de bruços, mantêm sua cabecinha levantada algum tempo. Já começa a esticar mais seus braços e abrir mais suas mãos. Sustenta sua cabeça quando puxada pelos braços.

Sua pele ainda está muito fina e sensível, portanto, os cuidados com sua alimentação e higiene devem ser redobrados e demonstram o amor dos pais por ele e lhe protegem de doenças como diarreia e pneumonia.

É necessário continuar auxiliando-a a mudar sua posição na cama de vez em quando, pois assim experimentará ficar com o corpo em posições variadas. Quando estiver de bruços, mostre um brinquedo a sua frente mexendo-o de um lado para o outro. Assim ela irá tentar acompanhá-lo fortalecendo os músculos do pescoço e controlando melhor a cabeça. Quando estiver de barriga para baixo, segure o seu bumbum. Ela vai tentar levantar sua cabeça.

O leite da mãe continua sendo seu melhor alimento, para protegê-la contra doenças.

O acompanhamento dos eu peso, das suas atividades e das vacinas com o Cartão da Criança do Ministério da Saúde, que é distribuído para todas as crianças, ajuda a mostrar como ela está se desenvolvendo.

Dos 04 aos 05 Meses

De bruços, sustenta a cabeça e os ombros, se apoiando nos antebraços e nas mãos. Fica sentado com apoio. Quando deitado, movimentava bastante seus braços e pernas. Vira de um lado para o outro. Já passa mais tempo acordada, mais ainda dorme muito.

Começa a controlar e dirigir seus movimentos: procura com o olhar quando alguma coisa perto dela faz barulho e estende a mão para pegar coisas. Agarra brinquedos pequenos, tipo argolas ou chocalhos, segurando firme e resistindo se alguém tenta tirar da sua mão.

Para que ela tenha saúde, os cuidados com alimentação, higiene e as vacinas são importantes. Dê oportunidade para ela participar cada vez mais da vida da família.

Para a boa formação de seus ossos, músculos e pele, precisa de vitamina D. Essa vitamina só é aproveitada pelo seu corpo quando toma sol.

Cuidado com os lugares onde se coloca a criança, para ela não levar tombos e não se machucar.

Quando ela estiver deitada de costas ou sentada com apoio, deixe ao seu alcance brinquedos macios, limpos e que não soltem tinta para que ela possa agarrar e levar na boca.

O leite do peito continua sendo o melhor alimento para ela. Quando mais ela mama, mais leite a mamãe tem.

Se seu peso parar de aumentar ou, se por algum motivo especial, ela tomar outro leite, precisa tomar sucos e papinhas de frutas e legumes para completar sua alimentação e beber água.

É preciso tomar bastante cuidado com a limpeza das mãos, das frutas, legumes, dos pratos, colheres e panelas ao preparar suas papinhas. Isso é importante para evitar que ela tenha diarreia, que é uma doença muito perigosa, pois pode causar desidratação.

Aos 04 meses precisa tomar a segunda dose das vacinas SABIN e TRÍPLICE. Leve a consulta de controle para ver como está o seu peso e o que já aprendeu a fazer.

Dos 06 aos 08 Meses

Já controla melhor seu corpo. Senta-se sem apoio. Já consegue se movimentar sozinha. Arrasta-se e engatinha. Utiliza seus braços e mãos com apoio para sentar e levantar. Pode levantar-se apoiado e ficar em pé.

Começa a diferenciar rostos, expressões e vozes das pessoas da sua família e demonstrar insegurança diante de pessoas estranhas.

Expressa suas emoções. Imita sons, gestos e expressões.

O sol que faz bem para sua saúde é o da manhã cedo e do final da tarde, porque possui os raios ultra-violeta.

Com 06 meses precisa ir à consulta médica para ver seu peso, sua estatura, o que já sabe fazer e para tomar a terceira dose das vacinas SABIN e TRÍPLICE.

Precisa comer duas refeições de sal por dia e continuar mamando no peito. Quando estiver alimentando-a, fale com ela sobre a comida, por exemplo, se ela é morna ou fria. Diga que ela é boa com expressão de satisfação nos rostos. É bom que ela coma frutas e verduras variadas, para ficar mais forte. Segurando e provando a comida, ela vai desenvolvendo seus sentidos: o tato e o gosto.

Começa a ter mais consciência sobre si e tem o medo de “perder” a mãe. Deixe-a à vontade, com roupas confortáveis e, sempre que possível, com pouca roupa. Tire coisas perigosas e delicadas ao seu alcance.

Dos 09 aos 11 Meses

Engatinha bem por toda a casa. Fica em pé apoiado. Tenta dar seus primeiros passos. É um explorador: continua levando as coisas à boca para mastigar, morder, chupar. Bate com os objetos em diferentes superfícies, atira-os mais longe. Examina cada vez melhor os objetos. É muito curioso. Percebe cada vez mais as relações de causa e efeito.

Resolve problemas simples, supera obstáculos, procura recuperar objetos perdidos. Melhora pouco a pouco sua memória. Investiga sons. Diferencia sons e vozes. Imita e usa gestos. Ajude-a a ficar em pé, segure suas mãos para que ela dê alguns passos. Mostre que está contente com suas conquistas.

Já pode ter os dentes da frente, em cima ou em baixo. Pode ter um pouco de dor e desconforto porque sua gengiva fica inchada e irritada.

Precisa tomar aos 09 meses a primeira dose da vacina CONTRA SARAMPO. Novamente precisa ir à consulta de controle.

Passa da posição sentada para a de pé, explora muito os objetos. Precisa explorar a casa sem perigos. Não deixe ao seu alcance inseticidas, facas, latas de lixo abertas, remédios, coisas perigosas. Incentive sua curiosidade, deixe ela descobrir como são as coisas. Brinque com ela. Solte a criança que existe em você. Ensine-a poucas palavras novas de cada vez. Quando você cansar de suas brincadeiras, explique isso para ela. Vai aprendendo a entender os limites que você lhe dá.

De 01 Ano a 01 Ano e 5 Meses

Grande conquista! Anda sozinha. Ela se movimenta muito e vive mexendo em tudo, mas ainda precisa de um horário de sono de dia para recuperar suas energias.

Mostra grande curiosidade pelo mundo que a cerca e passa grande parte do tempo explorando tudo. Continua a observar e sentir a qualidade das coisas: cor, forma, tamanho, textura, temperatura, peso, som cheiro e saber. Faz experiências simples com as coisas: encaixa, desencaixa, Poe 2 ou 3 coisas uma em cima da outra, puxa e empurra objetos.

Já tem maior controle das mãos e do corpo. Pode começar a demonstrar preferência por usar uma das mãos.

Comunica-se muito através de gestos. Compreende bem o que dizem para ela, mas fala pica palavras.

Interessa-se pelas cores. Está aprendendo a lidar com situações que lhe dão medo: barulhos fortes, animais domésticos, pessoas estranhas. Repete alguns sons de animais que conhece.

Come de 04 a 05 refeições por dia e está aprendendo a usar mais a colher.

Os cuidados contínuos com a saúde da criança é indispensável.

Precisa tomar sol, respirar ar puro, isso lhe ajudará também a comer e dormir melhor.

Com 12 meses precisa ser levado à consulta de controle.

Precisa comer frutas e legumes variados, crus e cozidos e bem limpos. Quando ela não quiser comer, insista, mas sem forçar. A hora da comida deve ser agradável para todos.

Aproveite a hora do banho e coloque coisas diferentes para ele brincar. Assim verá que algumas coisas vão ao fundo e outras bóiam.

Coloque-a no piquinho nos horários que costuma fazer cocô e pipi. É preciso ter paciência, pois, ela demorará para aprender a pedir para fazer cocô e pipi.

Precisa tomar a 2ª. dose da vacina contra Sarampo, seis meses depois da 1ª. Dose, que deve ter sido nos nove meses. Se puder tomar a MMR (vacina contra sarampo, caxumba, rubéola), melhor ainda. Com 15 meses novamente deve ir à consulta de controle.

Se movimenta muito, é muito curiosa, entende o que falam para ela. Dê-lhe liberdade, mas proteja-a de perigos: escadas, cadeiras ou bancos altos, buracos no quintal, plantas venenosas. Deixe que ela experimente as coisas e converse com ela sobre o que está fazendo. Não exija que ela controle cocô e pipi. Estimule-a a pedir o que quer com palavras, evitando que use só gestos. Cante sempre para ela. Se você agir sempre da mesma maneira, ela irá saber o que deve e não deve fazer.

De 01 Ano e 06 Meses a 02 Anos

Anda com facilidade, sobe banquinhos, cadeiras e poltronas. Sobe e desce escadas, em pé, com o auxílio do adulto.

Começa a aprender a controlar cocô e pipi.

Continua a explorar o mundo que a cerca, praticando brincadeiras com os objetos: empilha mais de 03 coisas, encaixa e desencaixa latas e caixas.

As relações de causa-efeito e seqüência dos fatos vão ficando cada vez mais claras para ela.

Come 04 a 05 refeições por dia e já sabe levar a colher à boca.

Domina cada vez mais suas mãos. Faz movimentos de rosca, consegue segurar o lápis. Seus rabiscos ainda são movimentos sem direção. Não tem intenção de desenhar, seu desenho é apenas movimento.

Continua a se comunicar através de gestos e palavras. Associa duas palavras. Pede alimentos pelo nome. Está aprendendo palavras novas.

Deixe-a caminhar bastante, dentro e fora de casa e tomar sol. Isso a ajudará a crescer e se movimentar melhor.

Deixe-a andar descalço na grama, terra e areia limpas, assim vai sentindo se são frias ou quentes, ásperas ou lisas, secas ou molhadas.

Adora participar de brincadeiras de imitação: gosta de dançar, marchar, imitar bichinhos, carros, trens, cantando pequenas músicas e marchando os ritmos.

Consegue subir escadas engatinhando ou descer sentando em cada degrau, mas se alguém puder ajudá-la, segurando suas mãozinhas, vai ser muito melhor porque poderá subir e descer em pé.

Precisa comer variado e várias vezes durante o dia, pois gasta muita energia e está crescendo muito.

O banho é muito bom. Ficar limpo dá sensação de prazer e evita doenças. Enquanto toma banho, deixe que ela fique a vontade para que ela se sintam bem.

Precisa tomar o reforço das vacinas SABIN e TRÍPLICE, para ficar protegida dessas doenças. Deve ser levada à consulta de controle com 01 ano e 06 meses, com 01 ano e 09 meses e com 02 anos.

Vai adorar se você lhe mostrar livros com gravuras e com histórias simples para que ela possa pegar e dizer o que está vendo. Se a elogiarmos, procurará sempre responder.

Estimule-a a ajudar a guardar seus brinquedos quando ela não quiser mais brincar. Precisa ir formando hábitos de ordem e arrumação. Valorize tudo aquilo que ela consegue fazer sozinha.

Dê sempre exemplos das atitudes que você quer que ela faça. Por exemplo: se você não quiser que ela grite, fale baixo com ela.

Já usa palavras para se comunicar. Quer afirmar sua independência, é geralmente do contra. Brincar: para ela, é coisa séria. Deixe-a brincar. Deixe-a fazer sozinha tudo o que é capaz. Valorize tudo o que produzir. Está entrando no mundo da “arte”. Não exija que ela fique fazendo a mesma coisa por muito tempo. Aprende muito por imitação. Você é seu exemplo.

De 02 Anos a 02 Anos e 06 Meses

Domina melhor seu corpo: anda com facilidade, pula sozinha com dois pés. Fica num pé só, apoiada, aprende a andar de velocípede.

Já pode controlar o cocô e quase sempre o pipi.

Controla melhor os movimentos da sua mão, constrói torre com 04 a 06 cubos, faz desenhos rabiscando para cima e para baixo, para um lado e para o outro.

Leva a colher à boca, come sozinha. Já pode ter todos os dentes.

Melhora sua percepção: pode notar a diferença entre a forma, o tamanho, o som, o cheiro, o sabor de muitas coisas.

Sabe mostrar as partes do seu corpo.

Começa a pensar antes de fazer as coisas. Sabe seu nome, o de seus pais, irmãos, avós.

Faz frases pequenas: “quero a bola”.

Diz o nome de animais, brinquedos, coisas que vê sempre.

Descobre que cada coisa tem um nome e pergunta o nome de tudo. Já tem vontade própria, fala muito a palavra NÃO.

Deixe-a subir e descer da cama, subir e descer de cadeiras; é bom que você esteja por perto, pois assim se sentirá mais segura.

Como seu sistema nervoso está melhor desenvolvido, avisa quando quer fazer cocô e pipi, mas pode às vezes, fazer nas calças. Não brigue com ela.

Gosta de desenhar: no papel, na terra, na areia. Mesmo que só fala rabiscos, mostre que fica contente porque ela está aprendendo a desenhar.

Já come de tudo, mas não a force a comer quando ela não quiser. A hora da comida deve ser agradável, assim comerá mais e aproveitará melhor os alimentos.

Precisa escovar os dentes, principalmente antes de dormir. É importante que ela forme o hábito de cuidar dos seus dentes. Isso faz parte da sua saúde. É bom levá-la a consulta de controle com dois anos e meio, para continuar acompanhando seu desenvolvimento.

Pergunta o nome de tudo, aprende muitas palavras. Aumenta sua capacidade de imaginar, de pensar. Brincando ela aprende. Brincando com ela, você a ensinará. Se você a ajudar a fazer coisas que ainda não sabe fazer sozinha, aprenderá mais depressa. Enquanto ocupa suas mãos, pode desenvolver seu pensamento. Converse com ela. Quanto mais você falar, mais aprende a falar. Lembre-se: quanto mais ela gostar de você, mais vai gostar de estar em sua companhia.

De 02 Anos e 06 Meses a 03 Anos

Sabe subir e descer escadas sozinha. Anda de ponta de pés. Caminha entre objetos sem tropeçar. Salta pequenos obstáculos. Movimenta bem seus braços.

Identifica as cores principais: vermelho, azul, amarelo, verde.

Começa a prever a consequência das coisas que faz. Começa a entender o tempo: o dia, à noite. A compreender os fenômenos naturais: a dia, à noite, a chuva, o frio, o calor.

Aprende a notar melhor a diferença entre as coisas.

Tem maior capacidade de observação e atenção, sua atenção dura mais ou menos 5 minutos.

Não domina ainda suas emoções. É muito instável no seu humor. Passa de birra à obediência com facilidade. Demonstra resistência a limites. Apresenta sinais de independência. Participa, cada vez mais, de brincadeiras com outras crianças.

Seus músculos vão ficar mais fortes se ela fizer exercícios com eles.

Sua aprendizagem da disciplina, nesta idade, pode ser feita relacionada com os limites dados para sua segurança.

Leve-a à consulta de controle quando completar 03 anos.

Ajude-a a compreender a natureza. Por exemplo: deixe-a sentir os pingos da chuva nas mãos, depois explique-a que é água que cai das nuvens, do céu. Fale do dia e da noite, em função do claro e do escuro. De noite a gente dorme e de dia?...

Aprende muito pelo seu exemplo, pela ajuda que você lhe dá quando necessita, pelas oportunidades que você lhe oferece deixando-a fazer sozinha tudo o que já é capaz. É assim que vai entendendo as regras da vida social e conquistando autonomia, percebendo que é alguém com pensamentos e ações próprias.

Estimule sua independência, mas dê os limites necessários para sua segurança. Valorize seus desenhos e pinturas. Mesmo que não veja nada nelas, são suas obras, e importantes para ela. Aproveite as situações do dia para ajudá-la a compreender e aceitar a rotina e o ambiente em que vive. Não se assuste se ela disser que é uma flor, um avião, um cachorrinho. Começa a viver o mundo da fantasia. Procure aceitá-la como ela é: falante ou calada, quieta ou movimentada. Isso faz com que ela também aceite você do jeito que você é e a gostar dela e de você.

3.2 Experiência vivenciada no NUTEP (Núcleo de Tratamento e Estimulação Precoce) – assistência as crianças com dificuldades neuropsicomotoras

O estudo do desenvolvimento humano deve ser analisado a partir da perspectiva da totalidade da espécie humana. Deve reconhecer que existe interação entre a composição biológica do indivíduo e suas próprias circunstâncias ambientais peculiares. O desenvolvimento é um processo contínuo que se inicia na concepção e cessa com a morte e inclui todos os aspectos do comportamento humano.

Desenvolvimento, em seu sentido mais amplo, refere-se a alterações no nível de funcionamento de um indivíduo ao longo do tempo. É necessário ajustar, compensar ou mudar, a fim de obter ou manter certa habilidade. Os elementos entrelaçados da maturação e da experiência desempenham papel-chave no processo do desenvolvimento. Maturação refere-se a alterações qualitativas que capacitam o indivíduo a progredir para níveis mais altos de funcionamento, enquanto experiência refere-se a fatores do ambiente que podem alterar o aparecimento de várias características desenvolvimento no decorrer do processo de aprendizado.

Entendemos por aprendizagem a capacidade do indivíduo de modificar seu próprio comportamento através da exercitação de suas experiências. Quanto mais intensas forem as vivências, e maior for a afetividade nessas relações, maiores serão as adaptações e as aquisições deste indivíduo. A aprendizagem visa à utilização de todos os recursos do indivíduo, quer sejam interiores (hereditariedade) ou exteriores (meio), no sentido de uma otimização funcional de modo a garantir uma adaptação psicossocial no maior número de circunstâncias possíveis, onde entram em conta uma multiplicidade de fatores: neurobiológicos, sócio-culturais e psico-emocionais, dialeticamente inter-relacionados.

Ao se focalizar a aprendizagem do ponto de vista da psicomotricidade, torna-se conveniente ressaltar, como aspectos mais relevantes, a relação do sujeito com a experiência, por um lado as sucessivas aproximações e ajustes de comportamento, e por outro as consecutivas representações mentais dos comportamentos produzidos, que resultarão em conceitos automatizados. É a aprendizagem que torna possível a socialização do homem, possibilitando o ajustamento do indivíduo às exigências complexas de ambientes específicos. Somente saber sobre “algo” não capacita a pessoa a realizar esse “algo” de maneira adequada. Saber sobre algo significa o indivíduo colocar-se a si mesmo e ao objeto em um sistema de relações, partindo de uma ação executada sobre o mesmo. A grande capacidade de aprender faz com que o comportamento do ser humano seja extremamente variado.

Do ponto de vista neurológico, nenhuma ação se repete exatamente como as anteriores, significando dizer que o ser humano é um eterno aprendiz. Aprendizagem e vivência não podem se dissociar. A construção do conhecimento não é algo adquirido de fora para dentro. Depende das ações sensorio-motoras que, coordenadas, ativam, organizam e estruturam o sistema nervoso do organismo humano (Thompson, 2000).

O processo maturacional tem leis e princípios universais, os quais lhe imprimem certas características peculiares. As experiências motoras da criança são decisivas na elaboração progressiva das estruturas que darão origem às formas superiores de raciocínio. Em conformidade com essa evolução, vai do simples até o complexo, do que é reflexo para o voluntário e pode ser dividido em sistemas de estimulação, integração e resposta.

A função do sistema de estimulação é coletar por meio dos órgãos sensoriais a informações e transmiti-las para o sistema de integração. A função do sistema de integração relaciona-se com a identificação, integração e armazenamento das informações e está relacionado com as percepções. A função do sistema de resposta é externalizar o ato motor que resulta: a) de processos cognitivos que ocorrem em centros cerebrais superiores (envolve a relação funcional entre a mente e o corpo); b) da atividade reflexa em centros cerebrais inferiores (formas de movimento que não exigem elemento de percepção), ou c) de reações

automáticas no sistema nervoso central (movimentos aprendidos). Quando o sistema nervoso apresenta qualquer alteração, por menor que seja, esta é interpretada num transtorno maturativo. Os sinais externos que indicam o estado funcional e neurológico da criança permitem-nos identificar possíveis estados de imaturidade ou de atraso nos eu desenvolvimento. Nessa perspectiva, fica clara a importância do desenvolvimento de certas competências, de certas habilidades cruciais na prevenção das dificuldades de aprendizagem.

Para se comunicar com o mundo, para aprender e integrar a realidade do mundo que a envolve, o ser humano dispõe de uma estrutura de informação e uma de comunicação, ambas ligadas à vivência. Enquanto se conhece pela ação, é capaz de estabelecer uma distinção entre ele e o outro, os objetos e o mundo social. A experiência de si é uma experiência corporal, já que o corpo, graças às funções tônica e de motilidade, é o seu primeiro meio de comunicação. O que no início era unicamente uma ação motriz se interioriza, transforma-se em pensamento e produz uma clara distinção entre o significado e o significante. Dentro dessa visão, a motricidade não é um fenômeno secundário para o processo da cognição, mas sim uma ferramenta fundamental para sua expressão, pois, os movimentos irão se transformar em comportamentos que serão enraizados no cérebro e nos sistemas sensorial e motor. Concomitantemente, à medida que, durante seu crescimento, o sistema nervoso se modifica, modificam-se também as formas de comportamento, aumentando o número de circuitos neuronais.

Compreende-se, desta forma, que as condições provocadas pelo movimento, operam uma modificação no indivíduo, encaminhando-o para uma forma criadora de relações, libertando-o dos dados imediatos de sua experiência individual e constituindo o entendimento com o outro, caracterizando assim, uma experiência particular e uma significação social.

O pensamento para o movimento inclui a coordenação de dois sentidos corporais: cinestesia e propriocepção. Esses dois sistemas dos sentidos são interdependentes. A cinestesia resulta em percepção dos movimentos evidentes. A propriocepção é a percepção dos movimentos evidentes. A propriocepção é a percepção interior, não só da situação do corpo no presente, mas também no passado e num possível futuro. Envolve a percepção das várias partes do corpo em relação com qualquer atividade progressiva (Le Boulch, 1982).

De acordo com Holanda e Bezerra (2000), Piaget enfatiza a necessidade de relacionar a percepção com o problema geral do desenvolvimento cognitivo se nos propusermos a compreender a natureza da recepção, da aquisição, da assimilação e utilização do conhecimento. O processo fisiológico é o mesmo para todos os indivíduos, o estímulo também pode ser o mesmo, porém, a resposta é sempre diferente para cada um, pois, este caminho de ida e volta, desde a recepção do estímulo até a execução da resposta, será

necessariamente marcado, em maior ou menor intensidade, pela história de vida desse indivíduo.

As habilidades motoras básicas se aperfeiçoam na medida em que a discriminação cinestésica fornece conceitos mais precisos sobre o corpo.

De acordo com Wallon (1979), baseando-se na seqüência do desenvolvimento, coloca que o domínio motor ocorre através dos movimentos reflexos, que são os movimentos involuntários; habilidades básicas, que são movimentos voluntários e que vão servir de base para a aquisição de tarefas complexas futuras; habilidades específicas, que são movimentos mais complexos e com objetivos específicos. Juntamente com a edificação da postura, as noções espaciais contribuem para a autonomia da coordenação dos movimentos em seu deslocamento no ambiente, através das noções de direcionalidade e relações espaciais entre o corpo e o ambiente.

Nessa perspectiva de acerto ajuda a criança que se encontra dependendo de algum problema neuropsicomotor e que o NUTEP (Núcleo de Tratamento e Estimulação Precoce) localizado na UFC (Universidade Federal do Ceará) sobre a direção do neurologista Dr. Lucivan, junto a uma equipe de multiprofissionais, tratam os distúrbios psicomotores surgidos na criança, em decorrência da sua imaturidade no que diz respeito ao seu desenvolvimento, afetado por alguma intercorrência sofrida durante seu nascimento com tendências a causar prejuízos futuros no decorrer do seu crescimento.

Como aluna do Curso de Especialização em Psicopedagogia no ano de 2003, fiz parte da equipe do NUTEP (Núcleo de Tratamento e Estimulação Precoce) compartilhando trabalhos maravilhosos em uma linha de interação com outros grandes profissionais daquele Núcleo, que juntos trabalhavam dia-a-dia no intuito de favorecer ao desenvolvimento e crescimento saudável do indivíduo, no propósito a reabilitar novas funções psicomotoras, Família x Crianças x Profissionais Multidisciplinar, trabalham juntos em benefício da criança.

Nessa interação multidisciplinar observando o enfoque teórico de Vygotsky e Piaget, fomos motivadas a proporcionar um melhor esclarecimento as mães e acompanhantes do NUTEP, a cerca do trabalho realizado com suas crianças, preparamos um guia de orientação aos familiares, esse informe explicava de forma clara e objetiva os procedimentos realizados com seus filhos nesse núcleo, favorecendo assim a tranquilidade e conhecimento como também participação dos envolvidos no desenvolvimento neuropsicomotor da criança. No que diz respeito a este guia, será demonstrado de forma detalhada nos anexos desse trabalho.

CONCLUSÃO

Estudando teóricos e teorias, observa-se que é cada vez maior a relação existente entre a família, a criança e sociedade, no desenvolvimento de sua aprendizagem. Pois a família é o primeiro universo ensinante da criança, assim sendo essa família desempenha um importante papel nesse processo evolutivo.

Na visão de Piaget, que defendia o interacionismo e dedicou-se a investir cientificamente como se forma o conhecimento este é um processo contínuo, e caracterizado por diversas fases ou etapas. Na verdade observando com cuidado pode-se encontrar bem definido nas crianças o que Piaget chamou de estágio sensório-motor, pré-operatório e operatório formal ou concreto. A criança não nasce sabendo, isso é bem visível na criança de zero a dois anos, quando pega um brinquedo, olha com curiosidade, quebra, querendo descobrir o que tem dentro. Outros teóricos não descartam as teorias de Piaget, eles acrescentam que a criança é um ser social e histórico capaz de transformar o meio e ser por ele transformado.

Para Vygotsky a criança é capaz de construir sua própria individualidade quando interage com outros para construir sua própria realidade usando a linguagem. Então a criança é um ser ativo; que cria constantemente hipóteses sobre o seu ambiente, vive na mesma cultura podem ter influencias iguais, mas tem o seu processo de aprendizagem de forma singular, um diferente do outro. Nesse caso a família é de fundamental importância. Isso pode-se constatar no dia-a-dia em convivência com a criança.

A teoria Freudiana da evolução da personalidade e o estudo do “caso clínico do pequeno Hans” contribuíram de forma significativa para uma melhor compreensão do desenvolvimento da personalidade e da sexualidade do ser humano desde sua concepção até a fase adulta.

Portanto, o conhecimento de como ocorre o desenvolvimento de uma criança deve permitir que se crie as condições que podem facilitar o despertar de suas potencialidades, isto é, a capacidade que toda criança tem, seja ela rica ou pobre, para crescer e aprender. Mas cada criança tem seu tempo e seu modo de se desenvolver, ou seja, cada uma tem sua própria individualidade, da mesma maneira que cada uma tem sua própria impressão digital. Então, deve-se considerar que, no processo de desenvolvimento, integram-se, em cada pessoa, componentes de hereditariedade, maturação e principalmente os de mudanças do meio ambiente.

São vistos como pontos importantes para o desenvolvimento da criança: Primeiro, que o processo de desenvolvimento tem uma dimensão biológica, ligada a fatores físicos, ou seja,

cuidados com a alimentação, a higiene, a prevenção de doenças, e uma dimensão psicológica, ligada a fatores psíquicos, ou seja, à forma como a criança aprende e se relaciona no ambiente em que vive. A aprendizagem é feita por meio das vivências da criança, nas relações que estabelece com adultos, outras crianças, e com objetos do seu ambiente. No seu processo de aprendizagem a criança se apropria dos conhecimentos, dos recursos construídos pelo meio social a que pertence. Essa apropriação é feita de forma ativa pela criança, isto é, experimentando, falando, descobrindo, fazendo junto com outras pessoas. A aprendizagem vai criando oportunidades para o desenvolvimento de novas habilidades, o que por sua vez também permite novas aprendizagens.

Sendo assim, para uma criança se desenvolver ela precisa de: amor, alimento, vida ao ar livre, cuidados com sua saúde, de estabelecer relações com adultos e outras crianças, de experimentar e descobrir como são as coisas, de adquirir conhecimentos novos, de aprender a agir em situações cada vez mais complexas.

Segundo, que o desenvolvimento de uma pessoa é influenciado em grande parte pelas condições do ambiente em que ela vive, pelas oportunidades de ter acesso a recursos, como por exemplo: alimentos, vacinas e moradia. E a recursos de sua cultura, como: brinquedos, lápis, livros, a linguagem, os valores, as crenças, e os costumes. Esses recursos vão sendo criados, transformados e aprimorados pelas pessoas ao longo do tempo. Cada geração, ao se desenvolver, vai transformando o ambiente em que vive.

Terceiro, pode-se considerar que o conhecimento de como se processa o desenvolvimento psicomotor da criança, pode ser usado como indicador positivo de sua saúde e educação, facilitando através deste conhecimento, uma melhor interação no que diz respeito.

Também é necessário: saber que educar uma criança requer paciência e responsabilidade, mas é também uma fonte de muita satisfação para quem o faz. Reconhecer que as condições de vida da família, como moradia, trabalhos dos pais, acesso a serviço de saúde e educação, lazer, influem no desenvolvimento da criança.

A psicomotricidade, à luz de Wallon e de Ajuriaguerra, concebe os determinantes biológicos e culturais do desenvolvimento da criança como dialéticos e não como redutíveis uns aos outros. Daí a sua importância para elaborar uma teoria psicológica que estabeleça relações entre o comportamento e o desenvolvimento da criança e a maturação do seu sistema nervoso, pois só nessa medida se podem construir estratégias educativas, terapêuticas e reabilitativas adequadas às suas necessidades específicas.

De tudo que foi falado é importante destacar que o desenvolvimento psicomotor infantil é uma conquista crescente, que exige grande responsabilidade de todos aqueles que estão envolvidos na interação com a criança para assim proporcionar meios que favoreçam a

um desenvolvimento saudável e constante. É no lar que se iniciam a vida da criança e o aprendizado do mundo, juntamente com a consciência de si mesma como pessoa autônoma, livre e responsável. Pois esse processo não existe sem conflitos e crises. Porém, tanto a família como os demais envolvidos, devem proporcionar meios para que a criança possa vencê-los. Valorizando desta forma este ser como um todo.

BIBLIOGRAFIA

- ARAÚJO, Vânia Carvalho de. *O jogo no contexto da educação psicomotora*. São Paulo: Cortez, 1992.
- BASSEDAS, Eulália (Org.). *Intervenção Educativa e Diagnóstico Psicopedagógico*. Porto Alegre: Artmed, 1996.
- BAUER, James J. *Dislexia: ultrapassando as barreiras do preconceito*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1997.
- BEAUPORT, Elaine de & DIAZ, Aura Sofia. *Inteligência Emocional: As três faces da mente*. Tradução Marly Winckler. Editora Teosófica. Brasília – DF, 1998.
- BEE, Helen. *A criança em desenvolvimento*. Trad. Antônio Carlos Amador Pereira & Rosane de Souza Amador Pereira. São Paulo, Harper & Row do Brasil, 1977.
- BIZZOTTO, Maria Odete. *Programa de intervenção prévia 0 a 24 meses*. Santa Catarina, texto xerografado, 1979.
- BONAMIGO, Euza Maria de Rezende et alii. *Como ajudar a criança no seu desenvolvimento*. 2ª. ed. Porto Alegre, Editora Universidade, 1983.
- BOSSA, Nadia. *Dificuldades de Aprendizagem*. Porto Alegre, Artes Médicas Sul, 2000.
- BRUNET E LÉZINE. *Desenvolvimento psicológico da primeira infância*. Trad. Ana Guardiola Brizolara. Porto Alegre, Artes Médicas, 1981.
- CAMPOS, Dinah M. de Souza; *“Psicologia e Desenvolvimento Humano”*, Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- CHATEAU, Jean. *O jogo e a criança*. São Paulo: Summus Editorial, 1987.
- CUNHA, Lole. *Treinamento Perinatal*. Porto Alegre. Sagra, 1991.
- DESOBEAU, Françoise. *Imagem do Corpo-Consciência de Si*. Anais do II Congresso Brasileiro de Psicomotricidade – Corpo Integrado. Belo Horizonte, 1984.

DUARTE, Rosa Maria Prista. *Superdotados e Psicomotricidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

FERREIRA, Carlos Alberto Mattos. (Org.) *Psicomotricidade: da educação infantil à gerontologia*. São Paulo, Lavise, 2000.

FONSECA, Vitor da. *Manual de Observação Psicomotora: significação psiconeurológica dos fatores psicomotores*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GESELL, Arnold. *A criança dos 0 aos 05 anos*. Trad. Cardigos dos reis. 6. ed. Lisboa, 1979.

GOLDSTEIN, Sam & GOLDSTEIN, Michael. *Hiperatividade: Como desenvolver a capacidade de atenção da criança*. Tradução Maria Celeste Marcondes, 2ª. Ed. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

HOLANDA, Lúcia de Fátima N.; BEZERRA, M. Hortência M. S. *Psicologia da Infância e Adolescência*. Manual UVA. Fortaleza/Ce, 2000.

KRAINOVIC, Milena. *Uma proposta para crescer*. *Revista de Corpo e da linguagem*. Rio de Janeiro, Editora Icobé Ltda. Vol. II (6): 143-148, março 1984.

LAPIERRE, A. & AUCOUTURIER, B. *Fantasmas Corporais Prática Psicomotora*. São Paulo, Editora Manole, 1984.

LE BOULCH, Jean. *O desenvolvimento psicomotor: do nascimento aos 6 anos*. Tradução Ana Guardiola Brizolara. Porto Alegre, Artes Médicas, 1982.

_____. *Educação Psicomotora: Psicocinética na idade escolar*. Tradução Jeni Wolff. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

LE CAMUS, Jean. *O corpo em discussão, da reeducação psicomotora às terapias de mediação corporal*, 1986.

LEVIN, Esteban. *A clínica psicomotora: O corpo na linguagem*. Tradução de Julieta Jerusalinsky. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

LIMA, Lauro de O.: *“Piaget: Sugestões aos educadores”*, Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

LIRA, M. I. *Manual de estimulação de 0 a 23 meses*. Trad. e resumo Sílvia Z. de Rós: Chile, texto xerografado.

- LOWENFELD, Viktor. *A criança e sua arte*. Trad. Miguel Maillat. Introd. Prof. João Carvalhal Ribas. São Paulo – Mestre Jou, 1977.
- LOUZADA, Ana Maria. (Org.). *Pedagogia de Projetos*. Vila Velha, Es. Coepe, 1999.
- MAMEDE, Márcia M.; CORRÊA, M. Elena G. **O que podemos fazer juntos: desenvolvimento global e atividades da criança até 03 anos**. Brasília: Ministério da Saúde, 3^a. ed., 1994.
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér. *Ser ou Estar: eis a questão. Explicando o déficit intelectual*. Rio de Janeiro, WVA, 2000.
- MARINHO, Heloísa. *Currículo por Atividades*. Rio de Janeiro, Papeleria América, 1978.
- MARTÍNEZ, Jorge César. *El increíble universo Del recién nacido*. Buenos Aires, Lidiun, 1990.
- MEUR, A. *De Psicomotricidade: Educação e reeducação: Níveis maternal e infantil*. Tradutoras Ana Maria Izique Galkuban e Setsuko Ono. São Paulo: Manole, 1989.
- MUSSEN, Paul Henry et alii. *Desenvolvimento e personalidade da Criança*. Trad. Maria Sílvia Mourão Netto.. 4^a. ed. São Paulo, Harper & Row do Brasil, 1977.
- RAPPAPORT, Clara Regina (org.); *“Psicologia do Desenvolvimento – A Idade Pré-Escolar”*. Vol. 3, São Paulo, SP: EPU, 1981.
- ROSA, Merval; *“Psicologia Evolutiva – Psicologia da infância”* Vol. 2, 10^a. edição, Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.
- ROSENBLUTH, Dina & Equipe da Clínica Tavistock (Londres). *Seu bebê*. Trad. Almira Guimarães. Imago. Rio de Janeiro, 1982.
- SILVEIRA, Selene M. P. & DOURADO, Sandra M. N. (orgs.); *“Psicologia da Educação: Infância e Adolescência”*, Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, Fortaleza, CE, UVA, 1999.
- SOUSA, Dayse Campos de. *Psicomotricidade: integração pais, crianças e escola*. Fortaleza. Editora Livro Técnico, 2004.

TIBA, Içami; *“Disciplina: Limite na medida certa”* 11^a. edição, São Paulo, SP: Editora Gente, 1996.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo, Martins Fontes, 1989.

_____. *Pensamento e linguagem*. São Paulo, Martins Fontes – 1987.

_____; Luria, A.R. Leontier, A.N. *Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem*. São Paulo, Ícone, 1988.

WADSWORTH, Barry J.; *“Inteligência e Afetividade da Criança: na teoria de Piaget”*, 2^a. edição, São Paulo, SP: Pioneiras, 1993.

WALLON, Henri. *Psicologia e educação da criança*. Trad. Ana Rabaça e Calado Trindade. Lisboa. Ed. Veja, 1979.

WHITE, L. Burton. *Os primeiros três anos de vida*. Trad. Miécio Araújo Jorge Honkis. Rio de Janeiro, 1975.

ANEXO